



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM DANÇA

**ALINE DE NAZARÉ DE PAULA MOREIRA**

**SALÃO COMPARTILHADO:**

**Um estudo sobre a condução compartilhada entre dama e cavalheiro na  
dança de salão**

**BELÉM-PA  
2018**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM DANÇA

**ALINE DE NAZARÉ DE PAULA MOREIRA**

**SALÃO COMPARTILHADO:**

**Um estudo sobre a condução compartilhada entre dama e cavalheiro na  
dança de salão**

Monografia apresentada à Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura Plena em Dança. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mayrla Andrade Ferreira.

**BELÉM-PA  
2018**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)**

---

M835s Aline de Nazaré de Nazaré de Paula Moreira

Salão Compartilhado: um estudo sobre a condução compartilhada entre dama e cavalheiro na dança de salão / Aline de Nazaré de Paula Moreira. — 2018.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Mayrla Andrade Ferreira  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Dança, Escola de Teatro e Dança, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

1. Dança de salão. 2. Linguagem corporal. 3. Corpo e movimento. I. Título.

CDD 792.82

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM DANÇA

**ALINE DE NAZARÉ DE PAULA MOREIRA**

**SALÃO COMPARTILHADO:**

**Um estudo sobre a condução compartilhada entre dama e cavalheiro na  
dança de salão**

Esta monografia foi julgada adequada para a obtenção do título de *“Licenciado Pleno em Dança”*, e aprovada na sua forma final pela Universidade Federal do Pará.

Data: 14/12/2018

Conceito: Excelente

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> .Dr. Rosângela Colares  
Avaliadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

---

Prof.<sup>a</sup>.Ms. Carol Castelo  
Avaliador – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

---

Prof.<sup>a</sup>Mayrla Andrade Ferreira, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

BELÉM  
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM DANÇA

**ALINE DE NAZARÉ DE PAULA MOREIRA**

**SALÃO COMPARTILHADO:**

**Um estudo sobre a condução compartilhada entre dama e cavalheiro na  
dança de salão**

Esta monografia foi julgada adequada para a obtenção do título de “*Licenciado Pleno em Dança*”, e aprovada na sua forma final pela Universidade Federal do Pará.

Data:

Conceito:

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.ª Dr. Rosângela Colares  
Avaliadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

Prof. Ms. Carlos Castelo  
Avaliador – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

Prof.ª Mayrla Andrade Ferreira, Drª  
Orientadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

BELÉM  
2018

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura Aline de Nazaré de Paula Moreira

Aline de Nazaré de Paula Moreira

Local e Data: Escola de Teatro e Dança da  
Universidade Federal do Pará, em 14/02/18.

Dedico este trabalho de conclusão de curso a minha família em especial a minha mãe Maria de Nazaré, ao meu pai José Carlos, ao meu irmão André Luís e ao José Luís, pessoas que sempre estarão do meu lado em todos os momentos e que me ensinam a cada dia, como também, a classe da dança de salão agregando valores para futuras pesquisas e a todas as damas potentes.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por estar iluminando meu caminho, proporcionando minha vida, agradeço por tudo que tenho com muito sacrifício de meus pais.

A minha mãe por ser uma mulher amiga, que sempre está no meu lado nas horas felizes e tristes, agradeço por tudo que vivemos minha mãe, você é especial.

Ao meu pai, meu fofinho, um homem que batalha todos os dias para o bem de sua família, como também, ajuda todos que estão em sua volta sem receber nada em troca, por pura bondade de seu coração.

Ao meu irmão e seu filho que são meus meninos que amo, ajudando-me de diversas formas, no trabalho de união e cumplicidade.

A minha família por parte de mãe, pai e noivo, que representam um ambiente de formação e muito afeto com pessoas maravilhosas, sempre dispostas a me ajudar.

A Rullien Polizeli, por ser uma pessoa especial em minha vida, meu menino luz, repleto de calma e muito amor com todos em suas volta. São sete anos de pura felicidade que vivemos nossa história onde tivemos muitos aprendizados, mas que amor sempre estava firme e forte.

Agradeço as professoras da Escola Municipal de dança, que são uma verdadeira equipe, ensinaram-me a obter amor pela dança, desde os primeiros passos, como também, formando outros artistas.

A Cia Cabanos que foi o local que tive a oportunidade de conhecer o universo da dança de salão, tratando a arte com muito profissionalismo, inovando e recriando mostrando que nossa Belém existem profissionais qualificados, como também , um lugar de muito afeto ao próximo.

Ao Rolon Ho, mestre da dança de salão que abriu portas para mim e outros artistas, de um coração enorme, cheio de energia e talento. Que trabalha diariamente para o melhor da dança de salão em nosso Estado.

Aos alunos que incentivam nossas batalhas diárias, apoiam nossas ideias e estão do nosso lado.

A todos os professores do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal do Pará, por contribuir de maneira espetacular a formação acadêmica dos alunos, no intuito do ensino de qualidade apesar de todos os obstáculos. Cada um teve sua marca na minha vida e sou grata por isso, como também, ao Instituto de Ciências da arte e a Escola de teatro e dança.

Aos meus colegas de classe que enfrentamos muitas coisas juntos durante esses quatro anos e desejo a todos muita luz divina em suas trajetórias.

Um agradecimento em especial a Professora, Dr. Mayrla Andrade pela sua orientação nesta pesquisa, sou grata por todos os momentos que compartilhamos.

As minhas amigas panteras, por todos os momentos que passamos de dificuldades, sorrisos, e principalmente respeitando quem somos de verdade. Obrigada meninas por existirem em minha vida que nossa amizade seja eterna.

Agradeço a banca, artistas que tenho profunda admiração e respeito, pela sua participação neste momento avaliativo de minha formação profissional.

Agradecer, uma palavra que me transborda, por tantas pessoas que atravessam minha história, que segue para uma nova fase. Muito obrigada a todos que se fazem presente em minha vida dançante, pois ela é Dança.

[...] A dança é o incêndio da beleza.  
É corpo que se faz obra de arte e objeto de  
desejo.

Poesia que se liberta da palavra.  
Oceano gestual de um mar ilimitado.  
O corpo na Dança se faz um duplo ser  
unidos braço a braço, perna a perna  
torso e ventre e ventre e torso  
unidos corpo e dança, dança e corpo  
casto coito entre o sonho e a realidade.[...]

João de Jesus Paes Loureiro/2003

## RESUMO

Historicamente, nas danças de salão, o cavalheiro sempre conduziu sua dama, restando a ela um papel passivo de seguir a movimentação, deslocamento e musicalidade do cavalheiro. Porém devido às mudanças culturais da mulher, esse lugar passa a ser questionado, nesse sentido a presente pesquisa se voltou, ao longo do seu desenvolvimento, para uma reflexão acerca da condução compartilhada e de damas mais ativas. Assim este estudo vem problematizar: Como se dá a condução compartilhada entre dama e cavalheiro na dança de salão? Esta pesquisa pretende agregar outros olhares para esta linguagem em dança, que os dois corpos possam dialogar pelo movimento. O objetivo geral deste trabalho foi investigar a condução compartilhada da dança de salão entre dama e cavalheiro. E quanto aos objetivos específicos da pesquisa foram: analisar a condução no dançar a dois e tecer aproximações e diferenças na condução compartilhada. O trabalho por meio de um estudo qualitativo de cunho autobiográfico exprime minhas vivências sobre esta condução, como também, registro em meu diário de bordo, entrevista com praticantes da dança de salão, para resultar na estrela compartilhada. Espera-se uma contribuição na discussão do assunto e que estas propostas somem na compreensão mais dialogada na dança a dois, com damas livres na sua expressão corporal e cavalheiros sensíveis, abertos e que saibam que suas damas também obtém seu espaço na condução.

**Palavras-chave:** Dança de Salão; condução compartilhada; dama; cavalheiro.

## **ABSTRACT**

Historically, in the ballroom dances, the gentleman always led his lady, leaving her a passive role to follow the gentleman's movement, movement and musicality. However due to the cultural changes of women, this place is questioned, in this sense the present research turned, throughout its development, to a reflection on shared driving and more active ladies. Thus this study comes to problematizar: How does the shared conduction between lady and gentleman in the ballroom dance take place? This research intends to add other glances for this language in dance, that the two bodies can dialogue for the movement. The general objective of this work was to investigate the shared conduction of the hall dance between lady and gentleman. And the specific objectives of the research were: to analyze driving in the two-way dance and to weave approximations and differences in shared driving. The work by means of a qualitative autobiographical study expresses my experiences on this conduction, as well as record in my logbook, interview with practitioners of ballroom dancing, to result in the shared star. A contribution is expected in the discussion of the subject and that these proposals add up to the most dialogical understanding in dance to two, with free ladies in their body expression and sensitive gentlemen, open and who know that their ladies also get their space in the driving.

**Key words: Ballroom dance; shared driving; lady; gentleman**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Coreografia Índias

Figura 2- Miss Caipira quadrilha encantos do Pará

Figura 3- Condução entre parceiros

Figura 4- História da dança de salão

Figura 5- Folha de rosto do livro do manual de dança de Álvaro dias Patricio.

Figura 6- Baile de dança de salão

Figura 7- Improviso de samba

Figura 8- Abraço

Figura 9- Estrutura do Abraço

Figura 10- Estrela compartilhada

Figura 11- Estágios da dama ativa

Figura 12- Ensaio fotográfico Aline Moreira

Figura 13- Sapato Carmem Miranda

Figura 14- Projeto entre ruas

Figura 15- Campanha contra o machismo na dança

Figura 16- Diálogo entre parceiros

Figura 17- Samba-Tamborim

Figura 18- Projeto entre Ruas

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. CONDUÇÃO.....</b>	<b>22</b>
2.1 Processo histórico da condução.....	29
2.2 Abraça-me.....	36
2.3 Tipos de condução.....	42
<b>3. CONDUÇÃO COMPARTILHADA.....</b>	<b>44</b>
3.1. Dama.....	53
3.2 Cavaleiro.....	63
3.3 Diálogo.....	72
3.4 Possibilidades de criação.....	74
3.5. Partilha.....	75
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>80</b>
Apêndice 1.....	82
Apêndice 2 .....	83

## 1. INTRODUÇÃO

Figura 1: Coreografia índias



Fonte: acervo da pesquisadora 2000

Meus primeiros passos desta caminhada para chegar ao lugar que vivencio, inicia na vida de meus pais participando desde criança de momentos dançantes em suas vidas, minha mãe era ginasta e sempre gostou de trabalhar com artesanato, meu pai participante ativo de quadrilha junina e carnaval.

Pessoas iluminadas, humildes, que sempre proporcionam o melhor para seus filhos. Esses atravessamentos de suas vidas para as nossas não seriam diferentes, meu irmão se identifica na parte da produção parecido com meu pai e eu e minha mãe estamos na cena, uma família disposta a viver e transformar o outro intensamente.

Minha caminhada chega ao curso de teatro infantil da minha escola de ensino formal católica, que promovia muitos eventos culturais onde sempre gostava de participar, como também, nesta mesma época com uns quatro anos de idade fazia ballet clássico no SESI.

Com quatro anos mudei de escola de dança fui para escola de dança Clara Pinto, que ganhei uma bolsa parcial e conciliava com o teatro profissional na escola de teatro e dança categoria infanto-juvenil, mas retirei-me do Ballet, devido questões financeiras e do teatro devido situação escolar. Conciliava neste mesmo período a dança moderna e contemporânea no

projeto da SEJEL<sup>1</sup>, pela prefeitura de Belém, na escola municipal de Belém com as professoras Ellen Cavalcante, minha maior formadora, pois tinha mais, contato com ela, Simone Pereira e Elisângela beleza e entre outros profissionais de dança.

Dentro do Projeto SEJEL, fazíamos ballet clássico, dança moderna e contemporânea, teatro, jazz, aulas de canto e entre outros, sendo um local diverso para o ensino da dança, como também, a relação com outro, respeito e disciplina, partilhas das professoras junto aos alunos, lado a lado.

Fui aprovada para Companhia Municipal de Belém<sup>2</sup>, uma fase mais profissional de minha vida, levando a dança como minha carreira de vida, participando de estudos sobre a história da dança, anatomia, as obras de grandes artistas da dança, realizando na teoria e prática da dança.

Outro momento de minha caminhada, foram às manifestações populares paraenses, dentre as quais ressalto duas grandes comemorações: o carnaval belenense e os festejos juninos como miss caipira na quadrilha encantos do Pará, onde meu pai era um dos responsáveis, como também, no bloco carnavalesco Encantos do Pará pertencente ao meu pai que até hoje participo, junto com minha família.

**Figura 2: miss caipira quadrilha encantos do Pará.**



**Fonte: Acervo da pesquisadora 2013**

---

<sup>1</sup> Sejel: secretaria municipal de esporte juventude e lazer, incentiva a prática saudável de esporte e atividades de lazer nos habitantes do município de Belém. Existindo a escola municipal de dança, proporcionando o acesso a dança como um meio artístico e educacional.

<sup>2</sup>Companhia Municipal de Belém: Companhia de dança que realiza trabalhos profissionais sendo seus participantes os integrantes da escola que são convidados para entrar na companhia.

Esses trajetos me impulsionavam à conquistar outros espaços e fui convidada para Cia Cabanos<sup>3</sup>, companhia de dança salão em 2013 com a direção de Rolon Ho<sup>4</sup>. Hoje a dança de salão é o meu local de dedicação para pesquisa, aulas e trabalhos de composição coreográfica, um lugar que reafirmo e trago na minha dança a dois todas minhas vivências.

No início não foi fácil, pois os meus movimentos estavam sendo controlados, regrados e que meu corpo apenas tinha que responder a comandos de outro corpo. Com o tempo compreendi esse espaço, tempo de criação da dama, conduções indutivas, mas particularmente meu corpo sempre esteve em processo de alterações, na busca de experimentar coisas novas.

Desta forma comecei a dialogar mais com o cavalheiro, fugindo da estrutura presente e muitos cavalheiros questionavam minha dança, pois não sou uma dama 100% entregue a condução do cavalheiro o que geralmente atrapalhava a condução proposta.

Comecei a compreender um caminho de pensamento mais consciente, meu corpo seguia inicialmente um sistema mais estruturado, mas algo me instigava, então foi a partir de um olhar para minhas vivências artísticas e de que formas elas poderiam estar na minha dança a dois, que surgiram os disparadores para o início deste estudo.

Vale ressaltar que os estudos epistemológicos refletidos e questionados dentro do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal do Pará desde 2015, ampliaram meus conhecimentos de dança e de como pensar a dança. Com o tempo através de pesquisas pessoais deparei-me com a condução compartilhada onde a dama torna-se mais ativa propondo novos caminhos.

Através destas vivências e autorreflexões começava a perceber que nem todos os cavalheiros são abertos a mudanças de condução, ou algo que faça mudar sua trajetória, mas entendia que o princípio é respeitar o corpo do outro independente do seu olhar para a condução.

---

<sup>3</sup> Cia Cabanos: fundada em 2005 com diretor Rolon Ho, realizando um trabalho de identidade própria que mistura a dança de salão com outros gêneros de dança, realizando espetáculos, eventos em Belém do Pará, formando grandes profissionais.

<sup>4</sup> Rolon Ho: Diretor da cia cabanos desde 2005, grande incentivador e organizador para mobilização da dança de salão em Belém do Pará

Diante da minha trajetória percebe-se um corpo que desde criança perpassa por atravessamentos músicas, visuais, estímulos e que tudo em sua volta deixa suas impressões, até o bairro em que moro deixa suas marcas.

O bairro da Pedreira<sup>5</sup>, do samba e do amor, que sempre gostei de participar e dançar no carnaval e quando deparada com a dança de salão, um dos ritmos que mais estudo é o samba de gafieira, elos de encontro de nossas vidas dançantes.

Sendo assim, esse corpo independente, no sentido de nunca dançar com alguém junto, sempre em grupo ou sozinha, no momento em que encontra à dança de salão questiona pensamentos pré-determinados principalmente voltados para as damas, mas para isso, precisei entender primeiramente o espaço em que a dama estava inserida, para depois evidenciar meus pensamentos sobre a condução que, através de pesquisas, direcionavam a relação de possibilidades que enxergava em outros gêneros de dança, assim transfigurei esse olhar para o dançar a dois, como afirma o autor, Santos (2016).

Ampliar as possibilidades de relação dos corpos em danças de salão pode permitir a vivência diferenciada em sua prática, uma proposta de ação entre os pares capaz de proporcionar momentos de inversão de papéis que podem levar para atalhos tradicionalmente não vislumbrados (SANTOS, 2016, p.6).

Conforme o autor, proporcionar inversão de papéis permitindo uma vivência diferenciada na prática do dançar a dois, com possibilidades dessa relação podem levar a outros atalhos ainda não apreendidos. A dama pode obter seus movimentos, propondo novos caminhos e que através da condução compartilhada este diálogo se torna mais aberto entre os corpos, desta forma neste tipo de condução, a mesma conduz os movimentos ressignificando os papéis:

Despertar mais atenção na dança que ali se realiza bem como a ampliação da disponibilidade corporal, e para, também, proporcionar fluídas dinâmicas as quais preveem uma constante expectativa por ações dançantes. E não mais a regência do mero passo, como se observa no formato tradicional, e sim, a relação entre os corpos que ali se fazem presentes. (SANTOS, 2016, p.6).

---

<sup>5</sup> Pedreira: Bairro de Belém conhecido por ser do samba e do amor devido os festejos de carnaval na Aldeia Amazônica.

Diante disso, a palavra disponibilidade corporal, se torna potente neste estudo, pois percebo que de fato marca a passagem do tradicional para um pensamento moderno, onde esses corpos produzem outro pensamento, e suas danças também serão afetadas. Sendo assim, compreendo neste estudo sua importância, que implica em três dimensões de uma pesquisa científica: no meio pessoal, social e acadêmico.

Pessoal, pois falar deste espaço da dama transborda-me na luta de mudanças no pensamento do futuro da dança de salão, onde outras mulheres continuem nossas e as suas histórias, visto que na dança de salão existem poucas referências de damas e muitas que existiram na época que entrei não continuaram neste caminho, então é necessário que as damas possam também ser grandes referências para classe do salão, transformando indivíduos dentro de nossa sociedade, assim como, sou transformadora e transformada diariamente.

Social, para classe da dança de salão que vem ao longo dos anos desenvolvendo seus pensamentos na prática do dançar a dois, com um olhar sensível para esses corpos, além de fomentar novas possibilidades dando voz para nós damas, professoras, artistas, produtoras do que quisermos ser.

Acadêmico, devido ainda ser limitado na linguagem do salão, por conta de normalmente, encontrarem-se mais produções artísticas, em detrimento de produções científicas relacionadas à dança de salão, e como estamos construindo na região norte o primeiro curso de licenciatura em dança na Universidade Federal do Pará, esses estudos fortalecem nosso local de formação profissional, amadurecendo para outras gerações.

Ressalto ainda que seja a primeira vez que me deparo neste desafio como artista e professora, algo inovador dentro de minha dança, a condução compartilhada, ainda trabalhada de forma reduzida na dança de salão, em suas escrituras e de ensino aprendizagem.

A condução oportuniza relacionamentos verbalizados ou não, conhecer outro corpo, através do contato que de ser mútuo e não apenas na condução do cavalheiro, pois se somos dois corpos dançantes, a atuação deles permite autonomia e releituras desses corpos.

Na condução compartilhada, evidencia essa partilha não somente a ampliação da participação da mulher, mas também a sensibilidade do homem é ampliada, respondendo também a estímulos da dama, com valor significativo na criatividade corporal da dança permitida.

Diante disso, o problema surge: como se dá a condução compartilhada na dama e cavalheiro? Juntamente com as questões norteadoras que irão atravessar minha pesquisa: O que é a condução na dança de salão? O que é a condução compartilhada através da estrela compartilhada na dança de salão?

O objetivo geral da pesquisa é: Investigar a condução compartilhada da dança de salão entre dama e cavalheiro, onde os objetivos específicos foram: Analisar a condução na dança de salão e refletir as diferenças e aproximações na condução compartilhada através da proposição da estrela compartilhada na dança de salão.

Para discutir as especificidades na linguagem da dança de salão tenho por referência Maristela Zamoner<sup>6</sup> que possui diversos artigos e livros na área da dança de salão com concepções e definições da dança de salão trazendo outros autores com argumentos que dizem o que? Como? E aonde? Vem à dança de salão.

A mesma autora trata da dança de salão no sentido da condução e suas possibilidades, na ideia de experimentação dos dois corpos e a reflexão de evolução dos princípios da condução para reinventá-las de variadas formas, além de tratar mais sobre a dama e percepções dessa estrutura que apenas o cavalheiro conduz na perspectiva de organização social.

Para dialogar sobre a condução compartilhada que evidencia a questão da condução da dama ativo trago por referência Sheila Santos<sup>7</sup> (2013), que desenvolve seu trabalho com foco em técnicas para damas.

No seu artigo o diálogo dançante da dama contemporânea, que relata primeiramente sobre o entendimento de seu corpo para atingir o corpo do

---

<sup>6</sup> Maristela Zamoner: Autora de livros, artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais. Produz também textos de divulgação em diversas mídias, colunista de jornais e revistas de diferentes estados brasileiros. Licenciada e mestra na área de ciências Biológicas, palestrante e professora na área de Dança de salão.

<sup>7</sup> Sheila Santos: graduada pela faculdade de artes do Paraná; especialista em danças de salão pela FAMEC; proprietária e professora da escola oito tempos dança de salão- unidade Curitiba. Desenvolve um trabalho voltado para damas da dança de salão

outro, uma busca interna para o externo, até chegar à condução compartilhada, dividindo em estágios de experimentação percorre sua análise destes relacionamentos, como também, organizando uma estrutura para aplicação em aulas de dança de salão, mostrando alguns resultados de suas aplicações.

Outra autora sobre a condução compartilhada é Carolina Polezi<sup>8</sup> (2016) que desenvolve também pesquisas através da condução compartilhada. No seu artigo de gênero, dança e condução compartilhada reflete na ampliação da criação e participação da dama na dança social a dois.

Para discutir sobre processos do meu corpo e da minha dança, vivências, alterações e descobertas, o livro teatro do movimento- Um método para intérprete criador de Leonora Lobo<sup>9</sup> e Cássia Navas<sup>10</sup> (2007) foi concebido para sistematizar um método desenvolvido junto com artistas de danças, do teatro e do movimento. Foco nos pensamento em dança que se caracteriza pela consciência do movimento colocando caminhos a serem pensados, favorecendo o processo de criação e ensino da dança.

A pesquisa será realizada por meio de um estudo qualitativo de cunho autobiográfico. A pesquisa qualitativa estuda os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais que não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada no seu exercício de pesquisa, os investigadores ao proporem seus trabalhos que exploram novas possibilidades.

De acordo com Minayo (2009):

Pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por

---

<sup>8</sup> Carolina Polezi: Doutoranda em educação pela universidade Estadual de Campinas-UNICAMP (2017). Mestre em geografia Humana pela Universidade de São Paulo- USP (2014). Professora de dança de salão há 7 anos e bailarina há 17 anos, desenvolve pesquisas através da condução compartilhada que reflete na ampliação da criação e participação da dama na dança social a dois.

<sup>9</sup> Leonora Lobo: Arquiteta piauiense e dançarina, ainda professora e coreógrafa, que desde cedo mergulhou no mundo da dança.

<sup>10</sup> Cássia Navas: Prof. Dr. do instituto de artes (usp). Dr. em dança e semiótica ( PUC/SP) e pós-doutora em artes ( ECA-USP)

interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. Por isso não existe um *continuum* entre abordagens quantitativas e qualitativas, como muita gente propõe, colocando uma hierarquia em que as pesquisas quantitativas ocupariam um primeiro lugar, sendo “objetivas e científicas”. E as qualitativas ficariam no final da escala, ocupando um lugar auxiliar exploratório sendo “subjetivas e impressionistas” (MYNAIO, 2009, p. 21)

A pesquisa autobiográfica estuda o ser humano, sua vida refletindo na sua auto formação, no instigante aprofundamento dos seus processos que revelam este corpo como “instrumento” de investigação. De acordo com Silva e Maia, 2010:

Nesse sentido, a potencialidade das narrativas autobiográficas enquanto instrumento e procedimento de pesquisa está no fato que a história de vida de uma pessoa pode revelar muito além de simples acontecimentos, caracterizando-se como meio de apreensão e análise dos contextos, dimensões e implicações pessoais que constroem historicamente cada indivíduo na interface consigo mesmo, o outro e o mundo a sua volta. (SILVA; MAIA, 2010, p.3)

A pesquisa autobiográfica coloca em conexão fenômenos sociais diferentes com a experiência pessoal de modo a compreendê-la de maneira nova, diferente. Sendo assim, muitos trabalhos acadêmicos de dança ganham seu espaço, o pesquisador busca compreender sua realidade, seu objeto de estudo reconstruindo suas histórias que o corpo sente a necessidade de fala.

O objeto da pesquisa é meu próprio corpo, onde já estou a sete anos atuando na dança de salão como dançarina, pesquisadora, coreógrafa e professora.

Os instrumentos de pesquisa será o diário de bordo como registro das etapas no desenvolvimento da pesquisa, registrando datas, locais, fatos, descobertas, indagações, como também, tudo que atinge meu corpo sobre o olhar para condução compartilhada; Outro instrumento será entrevista, realizada com 5 damas e 4 cavalheiros sendo professores e uma aluna, com perguntas reflexivas para o entendimento da condução compartilha, se a dança de salão está preparada para esta mudança e se os cavalheiros deixariam uma dama conduzi-los.

O primeiro capítulo da pesquisa será estudado a condução na dança de salão, evidenciando o que é condução, seu processo histórico, os tipos de condução e retratar o abraço, um momento no qual a condução desenvolve-se, como também serão analisados que outras percepções existem como, energia, conexão, comunicação, sensibilidade, fluência e contato.

No segundo capítulo retrata a condução compartilhada através de autores e meus entendimentos, vivências sobre a condução compartilhada, como também, as entrevistas inseridas neste contexto. Partindo da corrente de pensamento de Rudolf Von Laban (2007) na criação da estrela labaniana, que parte de cinco componentes estruturais do movimento presentes na arte de dançar, como: o corpo, ação, espaço, dinâmica e relacionamento.

Um grande estudo para bailarinos, coreógrafos, que começam suas pesquisas e improvisos, como também, a descoberta de combinações desses componentes estimulando o processo de criação. Direciono este olhar para a dança de salão, onde teremos a estrela labaniana transfigurada para estrela compartilhada, descrevendo cada componente que a envolve.

No centro está a condução compartilhada, na qual será apontado seu surgimento, funcionamento, entre outras análises. O primeiro ponto da estrela será a dama, depois o cavalheiro, diálogo, partilha e possibilidades de criação.

## 1. CONDUÇÃO

**Figura 3: Condução entre parceiros**



**Fonte: acervo da pesquisadora 2018**

“Tradicionalmente nas danças de salão, o homem conduz, pronuncia e emite instrução e a mulher percepção e executa o passo, regidos pela necessidade da sincronia e da cadência a ser seguida sob a musicalidade”. (SANTOS, 2016, p.5).

Em conformidade com o autor SANTOS (2016), a dança de salão na visão tradicionalista evidencia que a condução está voltada para o cavalheiro sendo o corpo que conduz, e a dama tem o papel passivo de resposta, fechando no ciclo apenas de reprodução do movimento através desses estímulos, sem sofrer alterações significativas no dançar a dois. Ainda segundo este autor evidenciada outra visão sobre a condução:

Temos dois corpos acionados, quando ambos percebem o estímulo musical e se encontram disponíveis a vivenciar a experiência com alguma das danças de salão, as quais obedecem diferenciadas dinâmicas e acentos a serem pontuados. Desse modo, ao comumente praticado, no qual o homem conduz a parceira, ela também possa conduzir. (SANTOS, 2016, p.5)

Percebem-se duas visões diferenciadas, o tradicional versus o moderno: um lado que apenas o cavalheiro conduz e outro que a dama venha a conduzir, sendo esses pensamentos marcados por transformações da história que os indivíduos estão inseridos mudando seu olhar dentro de suas práticas.

Falar de tradição nos remete ao lugar de costumes, comportamentos e memórias que são transmitidas durante as gerações na dança de salão. E a partir disso, surgem outras possibilidades de se enxergar esta dança, corpos que vivenciam primeiramente esses “costumes” tradicionalistas e direcionam outro olhar durante o processo, pois esses pensamentos são da alteridade de nossas práticas.

A dança de salão precisa dessas descobertas corporais e que a educação das gerações atuais necessita de pessoas com novas visões, experiências, pois nós professores deparamos com base em nossas memórias e nas relações com o próprio corpo e com o ambiente na busca do saber sensível.

Acredito que falar de condução na dança a dois, nos remete a encontros constantes de toques, marcas, cheiros, movimentos e que devemos possibilitar vivências de descobertas corporais, não restringindo apenas o cavalheiro essa responsabilidade e poder.

Conduzir não é algo fácil

Requer tempo

Entendimento

Disponibilidade de

Dois corpos que dançam

Encontram-se

Descobre

Para viver dentro de uma música

Um ritmo

Várias emoções. (diário de bordo da pesquisadora, 2018, p 09).

Diante disso, a condução na dança de salão torna-se essencial para que ocorra o conjunto de movimentos dentro de determinado ritmo. Levando em consideração, que o contato mais corporal se revela no abraço onde a condução indica outros desbravamentos como energia, conexão, fluidez (apontados mais a frente nesta pesquisa) que levam o cavalheiro compreender, entender e praticar com sua dama de uma maneira confortável para os dois, trazendo por consequência uma dança que marque de forma positiva os dois corpos dançantes e não alcance o patamar do desconforto ou insatisfação.

Dessa forma, a condução é um pressuposto necessário para que o jogo tradicional da dança de salão funcione, relevando-se no cavalheiro que aprende a conduzir de forma consistente e clara dentro de cada movimento característico do ritmo, para que a dama entenda e tenha uma boa resposta, pois no momento da dança improvisada a escuta desses corpos se faz presente, como afirma Strack, (2017):

Um dos pontos mais importantes para que seja possível uma dança a dois improvisada é a escuta corporal mútua. Como não há fala, ou combinações anteriores sobre o que será feito, é muito importante que as pessoas saibam escutar seu próprio corpo, transmitir sua movimentação para o outro e escutar o corpo do outro. Essa escuta se dá no momento em que se tem consciência dos micromovimentos realizados por cada um, das transferências de peso, dos

desequilíbrios, das trocas de direção, da resposta que o outro deu à sua proposição, etc. (STRACK, 2017, p.23)

De acordo com a autora, transferências de peso, mudança de direções, são indicativos para escuta mútua desses corpos dentro da condução, sendo necessário para harmonia do casal, um jogo pertinente de perguntas e respostas através dos movimentos corporais pré-determinados.

Faço uma analogia dessa escuta mútua, diante de minha visão, ao nosso carimbó paraense, que se encontra a condução, “os casais, sempre a se olhar, expressam carinho, cumplicidade e desejo mútuo, sujeitando-se a desafios, a um jogo”. Huinziga (1990, apud, JASTES, 2009, p.15). Uma condução através do olhar e de gestos, aonde ambos conduzem a dança e revezam o jogo, dentro de seus símbolos cotidianos, com agilidades corporais submetendo aos obstáculos propostos.

Mas nesse jogo ocorre uma disputa para demonstrar o domínio e o poder sobre o outro, onde a dama com toda sua sedução distrai o cavalheiro e quando ele menos espera é surpreendido por sua dama lançando sua saia sobre ele, mas o cavalheiro faz de tudo para não ser dominado. Percebemos que neste jogo existe esta relação de poder que na dança de salão não é diferente.

Na dança de salão esta relação de poder não é diferente, diante disso, refletirmos nesta prática de si em relação com outro, segundo Foucault (apud BERT, 2013, p.151), “O mecanismo do poder voltam-se para o corpo, para vida, para o que faz proliferar, para aquilo que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão a ser utilizada. ”

Para Foucault as relações de poder são capacidades de dominação com o outro reforçando o vigor de sua espécie. E isso na dança de salão não está somente na condução, mas no contexto geral, atrelado a sua história, sendo o ser condutor, o professor, o coreógrafo, os contratos, e a dama em segundo plano diante destas relações. Segundo Feitosa (2011, p.9), “o termo conduzir nas danças de salão tem sido entendido como uma ação na qual um corpo tem o domínio sobre o outro no acontecimento da dança”.

Com isso, esta palavra dominar retira do cavalheiro sua capacidade de resposta, sensibilidade, de escuta, percepções, reafirmando seu espaço de poder. Exemplos deste aspecto são as parcerias de dança, quando o casal estrutura uma carreira a seguir juntos, que diante de minhas percepções, é visível que o cavalheiro sempre está um passo a frente em tudo, na hora de dar aula, conduzir, fechar algum contrato e até em pequenos detalhes como: na hora de chamar para alguma apresentação, o nome do cavalheiro vem primeiro, não só em apresentações como também, cartazes, vídeos, homenagens e em momentos de falas onde o casal conquista algo ou parabenizar pelo trabalho, o cavalheiro sempre é a referência.

“Nos dias de hoje não podemos ensinar dança de salão nos mesmos moldes dos tempos de seu surgimento” (Zamoner, 2005, p.71). Como Zamoner aponta a questão do ensino da dança de salão a qual ressalta a valorização de um espaço de dois corpos e não apenas um. Porém nos dias atuais não temos muitas mudanças em relação à estrutura de ensino, ainda é voltada para o cavalheiro a condução, criações e entre outros aspectos, não é fácil mudar essas estruturas que são passadas de geração para geração, mas temos que permitir a outras possibilidades.

Hoje na dança de salão apesar das transformações sociais que ela é atingida, o papel da dama ainda está sendo muito questionado e conquistado, segundo Feitosa (2011apud, NUNES, 2018, p.92) “Um exemplo disso são os inúmeros avanços sociopolíticos conquistados pelas mulheres, provocando mudanças significativas na sociedade”

O maior espaço conquistado no mercado de trabalho permitiu, conseqüentemente, sua independência financeira e social, como afirma Zamoner (2005 apud NUNES, 2018, p.92) “Dessa forma, a mulher deixa de ser “conduzida”, passando a participar quase igualmente de todas as atividades da sociedade.” Sendo assim, a dama passa a refletir mais sobre esse espaço que está voltado para cavalheiro, na busca de fala e que os dois corpos são capazes de se expressar.

Lembro até hoje algo muito marcante em minha vida, quando comecei a ministrar aulas de dança de salão, no projeto social do governo do Pará, na

turma da terceira idade, onde um aluno questionava muitas coisas de meu trabalho e uma vez no final da aula falou que não sabia ministrar aulas, não gostou da aula e que estava enrolando.

Nossa! Fiquei sem chão e depois chorei muito, pois não me sentia capaz de está naquele espaço e em uma aula da faculdade com a professora Rosângela Colares<sup>11</sup>, comentou de sua experiência docente na mesma situação que eu estava muito desesperada e confusa, onde a mesma explanou tal solução de seu problema.

Refleti muito o caminho que seguiria e resolvi afirmar aquele espaço, busquei dentro de minhas experiências artísticas minhas metodologias de aula, não foi fácil, pois era mulher, nova e com pensamentos modernos sobre o dançar a dois, diferente do professor antigo que era tradicionalista e já renomado em Belém do Pará, mas com tempo consegui meu lugar com aquelas pessoas e hoje apesar de não trabalhar mais com ele ainda continuamos nossa amizade.

São lutas de minha micropolítica que atinge outros corpos, e com tempo venha a conquistar o seu espaço um pensamento de marcas, toques diferenciados do que vivemos e que reflete também na nossa dança.

Faço uma analogia com a dança moderna, mais específica com Martha Graham (1929), que desceu das sapatilhas para criar sua própria técnica de dança e esse despertar veio da influência da época onde mulheres passaram a ocupar as fábricas de trabalho saindo da função atribuída de dona de casa para o mundo. Como afirma Nunes, 2018:

“Com a evolução das danças de salão, o comportamento de homens e mulheres se distinguiam cada vez mais, fazendo seus papéis sociais da época serem transplantados para dança” (NUNES, 2018,p.95)

Em conformidade com o autor, nossos comportamentos são transplantados para nossos corpos dançantes e na dança de salão não é diferente. No livro de Maristela Zamoner, dança de salão: uma força civilizatriz (2016), traz uma reflexão sobre as concepções da condução e ao fato da condução ter evoluído através de diversos estudos.

---

<sup>11</sup> Rosângela Colares: Artista pesquisadora em dança, possui graduação em licenciatura plena em dança pela UFPA ( 2011) , mestrado em Artes pelo PPGArtes e Dr. pela UFPA

E nessas evoluções da condução temos pequenos momentos em que a dama tem seu espaço, geralmente uma liberdade temporária dentro de uma movimentação, ou a dama propõe alguns caminhos. Observamos dois espaços disponibilizados para dama, mas não é trabalhado dentro de sala de aula pelos professores e professoras, voltando apenas para o cavalheiro o ensino da condução.

Um sistema de pensamento que somos mecanizados e quando surgem outros olhares, há um estranhamento. Hoje falar de possibilidades corporais dentro da dança salão, torna-se discussões entre os profissionais da classe, cada um defendendo no que acredita dita muitas vezes como verdade absoluta, parecendo uma seleção natural de Darwin, onde os mais adaptáveis sobrevivem. Isso me deixa profundamente tocada, pois alguns debates são relevantes, agora outros fazem até o profissional desistir no que acredita.

Narro este fato, pois passei por este lugar, da extrema dúvida, mas que com tempo afirmando um pensamento para somar na dança de salão e não de forma imposta. Incentivar, promover, somar, debater, unir, palavras que precisamos para continuar nossa caminhada principalmente para nós mulheres que somos criticadas por nossas atitudes e sermos grandes mestras, professoras, dançarinas, pesquisadoras, na dança de salão.

## 2.1. Processo histórico da condução.

**Figura 4: História da dança de salão**



**Fonte: alma que dança 2012**

Refletir sobre o processo histórico da condução é retomar um cenário de compreensão daqueles corpos enquanto ser, que constrói com seu tempo. Analisar o passado para entendermos o presente.

Muitos documentos históricos não ligavam a dança com a etiqueta e boas maneiras, cada uma seguia seu caminho de formas distintas, mas houve um momento em que a etiqueta e dança se encontraram e o cenário deste atravessamento foi o salão, no momento que a prática da dança começou a fazer parte da vida social das pessoas.

Segundo o estudo de Maristela Zamoner( 2016) , evidencia também registros antigos de dança e normas de boas maneiras em diversos períodos de (2040 a.c a 1884d.c). Um registro de Hipócrates (460 a.C – 357 a.C), revela que a dança fazia parte do contexto social, onde se dançavam em casamento, nascimentos, banquetes e em outras ocasiões, de uma forma distinta havia um documento para o bom funcionamento do comportamento social, como afirma Zamoner (2016):

Não é um documento sobre etiqueta. Entretanto, é citado aqui porque parece ser um dos raros registros bem conhecidos desta época que apresenta relevantes sugestões de comportamento social, como: respeito aos mestres e pais; ajuda aos outros conforme nossas capacidades; fazer somente o que temos conhecimento; ao entrar em casa alheia, não assediar ninguém libidinosamente; guardar segredo do que ouvir e puder ser inconveniente para alguém; evitar a injustiça e a corrupção; e a máxima mais importante: nunca fazer mal intencional ao outro. (ZAMONER, 2016,p.19).

Um elo pertinente que influenciará em outros contextos históricos e para dança de salão inicia quando as danças populares irradiam os grandes bailes que o rei oferecia para aristocracia surgindo o minueto, as contradanças e posteriormente a valsa. O reinado de Luís XIV, a dança tinha sua importância neste contexto, inaugurando logo em seu primeiro reinado a academia real de dança estabelecendo para o seu país o centro da elegância no mundo.

Na corte de Luis XIV, ocorreram tanto as apresentações de dança que originaram o *ballet*, quanto os bailes, que se tornariam o foco irradiador da dança de salão em décadas posteriores. Segundo alguns autores, o que se bailava de forma predominante era, primeiramente, a courante, dançada nas pontas dos pés, com pequenos saltos e várias medidas. Depois, o minueto e, mais tarde, as contradanças, assimiladas da Inglaterra (ZAMONER, 2016, p. 37).

De acordo com a autora muitos bailados foram patrocinados que difundiram técnicas de dança, inclusive o ballet clássico. Não se limitou

apenas para França, apesar de seus objetivos políticos serem voltados para o seu reinado, sendo significativo tanto para dança como para relações humanas.

O rei criou algo mais concreto como etiquetas devido promover muitas festas, chamado de L' Etiquette. Com normas e conduta para o ingresso de suas festas anexadas nos convites onde os convidados liam essas etiquetas para saberem os limites e respeitar as regras deste baile, "Suas regras incluíam a forma de falar com o rei, de cavalheiros e damas se portarem e o que podiam e deviam fazer, estando aí incluída a dança". (Zamoner, 2016, p.39)

A etiqueta ficou popular emitindo sua relação com a dança nos bailes onde esses corpos são diretamente conduzidos para seu comportamento, um livro intitulado "Nouveau manuel complet de la danse, Traité théorique et pratique de cet art depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours", de Carlos Blasis, traduzido com algumas modificações por Alvaro Patricio publicado em 1890, exprime conteúdos da história da dança, música, etiqueta e lições da dança.

Figura 5: Folha de rosto do Manual de Dança de Alvaro Dias Patricio



Fonte: dança de salão-Maristela Zamoner blogspot.com

E neste livro de Patrício (1980), nota-se esta relação da dança de salão com a etiqueta:

*É geralmente adoptado após qualquer dança, o cavalheiro convidar a sua dama a um passeio pela sala. O cavalheiro a quem a dama*

*concede a graça de pelo seu braço passear ou de a conduzir a outro qualquer lugar, deve por todos os modos procurar ser-lhe agradável, buscando mesmo conversa amena, ou qualquer frase que a possa enleiar.- página 36. Em um baile, seja qual for o seu character, nunca são de mais estas formalidades, por mais simples que pareçam; em caso contrário a desordem não se fará esperar e com ella o cansaço e o aborrecimento. – páginas 37 e 38. É de máo efeito o cavalheiro falar continuamente a uma dama. – página 39. Se o cavalheiro notar que a dama não sabe dançar ou que commetteu algum erro na execução dos seus passos, não se deve dar por achado, lisonjeando por esse modo a dama, que em sua maioria não desejão ser criticadas embora amistosamente. – página 40. (Patrício, 1975 apud ZAMONER, 2016, p. 43.)*

Percebe-se uma preocupação com as relações entre os indivíduos e que a dança está inserida neste contexto, não como algo de entretenimento, mas sim algo educativo daqueles indivíduos, colocações sócias disciplinadas pela dança. existindo uma preocupação para ser transformada a vida das pessoas.

E quando a valsa surge marca o início da dança de salão e dessas relações, segundo Perna 2005 (apud, Zamoner, 2012,p.9) “a valsa foi à primeira dança de salão em que a unidade de dança passou a ser o par enlaçado e independente” . A valsa era uma dança que chocava a aristocracia, devido o minueto ser mais presente dançado pelas classes superiores.

*As danças social e popular antecessoras da valsa tiveram como característica a dependência entre os casais e pares não enlaçados, a exemplo do gracioso minueto de origem francesa, e das contradanças inglesas, não tão galantes, mas com muitas figuras. (perna 2005 apud ZAMONER, 2012,p.9)*

De acordo com a autora, o minueto não tinha tanto contato e quando a valsa surge dançada nos bailes do povo onde há um contato maior desses corpos, há um estranhamento, mas que com o tempo os nobres passaram a dançar modificando algumas técnicas inserindo elegância desses corpos e espalhou-se por muitos países e é nos grandes salões que ocorre essa universalização, como afirma Zamoner ( 2012):

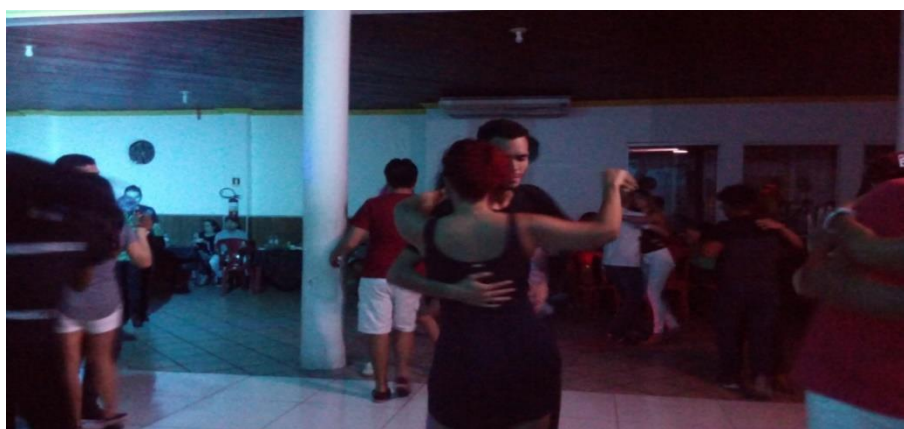
*A valsa surgiu como dança popular, inicialmente era proibida nos salões aristocráticos, mas foi a partir deles que se disseminou ganhando universalidade. Assim, percebe-se que é o “salão” que faz com que a dança popular, ao ser dançada socialmente, se torne uma dança de salão por universalizar-se. (Zamoner, 2012, p.10)*

Com isso, o grande palco para educação da sociedade foi salão dentro da prática da dança, e as damas e cavalheiros são as peças fundamentais para este funcionamento.

Sendo assim, o cavalheiro sempre procura agradar sua dama através de sua condução e a mesma demonstra sua satisfação. Portanto a condução está ligada diretamente em relação ao seu surgimento com a etiqueta, que orienta essas formas de relacionamento entre cavalheiros e damas caracterizando os princípios da condução.

O local onde a condução aprimora-se com trocas corporais são os bailes de dança de salão que ocorrem geralmente nas próprias escolas de dança, que diferenciam das casas de festas. No baile tocam os ritmos que são praticados em sala de aula como samba, salsa, bolero, brega, soltinho, forró, bachata, zouk, tango e merengue.

**Figura 6: Baile de dança de salão**



**Fonte: acervo da pesquisadora 2018**

Notam-se nos bailes algumas marcas de etiqueta modificadas com o tempo onde damas e cavalheiros alteram seus comportamentos dentro dos bailes como exemplo às damas realizam o convite para dançar, não apenas o cavalheiro, como também, na própria condução, onde conduzir e mandar são histórias de tempos diferentes e que este lugar do comando vem sendo questionado pelas mulheres que a cada dia conquistam seu espaço na luta da igualdade dessas relações.

Diante disso, questionamentos são refletidos sobre a relação do binômio dança de salão, que podem arrebatar em novas possibilidades reflexivas, como:

Por que a dama não pode conduzir?

Criar?

Expressar?

Falar?

Acredito que, isso tudo está ligado na luta interna para ocorrer mudanças desses parâmetros, não posso culpar o cavalheiro, pois vive dentro de uma cultura que enaltece seu poder. Cada dama tem que conquistar seu espaço, dizer que é capaz de realizar os mesmo trabalhos profissionais que um cavalheiro e nada irá ser contra.

Apesar de sermos vistas apenas como parceiras, colocadas muitas vezes no segundo plano, o sistema da dança do salão precisa abrir mais este espaço, que acaba sendo fechado diante de vários aspectos.

Não se trata de mudar radicalmente a tradição do dançar a dois, pois ela é importante, mas evidenciar a dama de realizar suas ideologias ampliando nosso olhar para dança de salão e fazer das damas grandes referências e potencias.

Então gostaria de ser eu mesma e transmitir tudo que me toca para o outro corpo independente da fórmula. Dançar a dois significa trocas vivas de energias simultâneas, que exalta a alma e emoções.

**Figura 7: Improviso de samba**



**Fonte: Acervo da pesquisadora 2015**

Mas muitas vezes sou amordaçada por pensamentos conservacionistas não só na dança de salão, mas tudo que está em minha volta, que deixam as mulheres presas nas suas próprias cavernas. Desde o útero de nossa mãe quando sabem o sexo, somos regrados de comportamentos a seguir, como afirma skinner, (1971):

Uma criança nasce, enquanto um membro da espécie humana, com uma herança genética que apresenta muitos aspectos idiossincráticos

e, imediatamente passa a adquirir um repertório de comportamento através das contingências de reforçamento a que se acha exposta como indivíduo. (SKINNER, 1971, p. 97).

De acordo com autor, o repertório de comportamento fica estabelecido para o indivíduo constituindo o que chamamos de cultura vinculados a ideias tradicionais e valores aliados a ela. Homens e mulheres são expostos a isso, reforçando que caminhos deveriam seguir dentro da sociedade, padrões e mais padrões comuns aos olhos.

“Hoje não há mais tolerância para argumentos hegemônicos, somos diferentes sim daquilo que nos transforma em não humanos apesar de sermos produtos temos que acreditar, não podemos ser objetos” (Lúcia Lima 2018), e nós mulheres e damas da dança de salão temos que acreditar em nossas potências, conquistando nossas metas dentro da arte, apesar de sentirmos medo em diversos momentos.

Ser mulher é sentir medo  
E não venha me dizer que você  
Entende isso  
Ser mulher é sentir medo  
É carregar o peso da culpa  
É conversar todos os dias com possíveis inimigos  
E você não entende o que é isso  
Ser mulher é sentir medo  
De desfrutar da própria liberdade  
Dá própria solidão  
É ter roubado de si todos os direitos de ir e vir  
Ser mulher é sentir medo  
Entende  
Não, não entende.  
É ser controlada  
Julgada  
Assediada  
Abusada  
Acusada  
É lutar contra isso, todos os dias.  
E você, você não entende o que é isso.  
Ser mulher é sentir medo  
Aguentar seu preconceito  
Aguentar seu julgamento  
Pari seus filhos  
Abaixar a cabeça  
Você que não entende o que é isso  
E nunca vai saber  
Aprenda  
São dois olhos  
Dois ouvidos  
E uma boca  
Guarde sua inútil opinião  
Apenas para você  
Aceite

O jogo começou a virar  
E desta vez não é você  
Que vai falar  
Ser mulher ainda é sentir medo  
Mas nunca mais  
Nunca mais  
Vai ser se calar.  
(diário de bordo da pesquisadora, poetiza Daisy coelho, 2018,p.13)

De acordo com este texto de Daisy Coelho registrado em meu diário de bordo, evidencia a realidade da mulher, como também, a força que nós temos para lidar com os assuntos e opiniões que nos cercam. Minha dança é voz, é corpo é resistência. “Eu danço, danço, danço, mas não se enganem em cada passo a um contra-ataque” (Lúcia Lima, 2018), em seminário de pesquisa em dança 2018.

## 2.2. Abraça-me

Figura 8: Abraço



Fonte: Acervo da pesquisadora 2018

Abraça- me  
Para sentirmos juntos nossos corpos  
Toques  
Cheiros  
Abraça-me  
Para dançarmos na música  
Nossas histórias  
Envolvidos nos silêncios

De cada movimento

Abraça-me

Para eu te abraçar

E sentir que existo. (diário de bordo da pesquisadora, 2018, p.26)

Falar de abraço nos remete ao lugar delicado de entender diversas conexões presentes que estão ligadas umas as outras, abraçar alguém não é tarefa fácil muitas vezes logo na sua primeira aula há um estranhamento. As relações entre esses corpos para dançar em casal, no contato mais físico faz pela regência de um abraço. Referindo-se a pontos de conexão quando os estímulos são percebidos mais pelas damas para determinar a figura a ser realizada.

O abraço estabelece um mecanismo e uma colocação postural, como afirma a autora Suanne Baena, formada pela Escola de teatro e dança no curso de licenciatura em dança (2010), na revista ensaio geral, 2010:

Desde os bailes dos castelos, que os cavalheiros envolvem o braço direito em volta do tronco da dama (geralmente um pouco acima da linha da cintura, onde fica o centro da força, pois isso dá o domínio melhor para condução do cavalheiro). Os cavalheiros abduzem o braço esquerdo em um ângulo menor que 90 graus, com os cotovelos levemente flexionados e virados para baixo. A dama posiciona o braço esquerdo na direção da omoplata direita do cavalheiro e faz, com seu braço direito, o mesmo trabalhado que o cavalheiro faz com o seu braço esquerdo. (BAENA, 2010, p.186).

De acordo com a autora, existe um formato para esse abraço, onde a dama envolve o cavalheiro deixando seu braço esquerdo perto de sua nuca e o direito junto com a mão do cavalheiro no formato de um triângulo. O cavalheiro envolve por completo o tronco da dama para a melhor condução com seu braço direito e o esquerdo junto com a mão da dama. Neste abraço os corpos ficam envolvidos como um todo, tanto braços como pernas onde há um encaixe entre elas, no sentido da perna do cavalheiro ficar entre as pernas das damas respeitando o espaço entre elas.

Esse abraço da dança de salão é muito característico das pessoas que praticam, sendo notória a diferença da pessoa que faz aula e a outra que aprende nas festas de aparelhagens, baile da saudade, em aniversários percebe-se um abraço que não segue uma estrutura de postura, colocação,

encaixe, não há fórmula e sim apenas uma troca muito prazerosa de se ver, que agem com naturalidade, um pouco diferente da dança de salão, que de acordo com cada ritmo da dança de salão o abraço ganha outras dimensões.

**Figura 9: estrutura do Abraço**



**Fonte: Dança em pauta 2012**

Caracterizando o corporal do ritmo, de um bolero para o soltinho, do brega para um forró, cada ritmo exerce um corporal, conduções que determinam uma movimentação e o abraço que perpassa por alterações, como afirma, Strack, (2016):

Na dança de salão, o principal meio de transmissão das informações é o abraço, o contato de um tronco com outro. Além do contato pelo tronco, outros contatos são possíveis: um abraço com o outro, braço com tronco, mãos com braço, mão com costas, mão com mão, etc. As experiências de escuta corporal também variam de um par para outro. A cada novo par, a cada novo toque há uma variação de temperatura corporal, pressão, volume, cheiros, etc. (STRACK, 2016, p22)

De acordo com a autora, o abraço é contato, de diversas partes do corpo que ficam conectadas da cabeça até o pé. E quando dançamos com várias pessoas percebemos esses diferentes corpos, o que eles querem transmitir, suas falas, interpretações musicais, claro que dentro do seu limite e seu nível de dança, sendo confortável para ambos.

Alguns relatos de damas em conversas informais, falam que cavalheiro bom é aquele que tem um abraço delicado e uma condução leve que transmite

algo, um abraço com saudade, de alegria, de amor diversos sentimentos estão conectados a eles, que vai além dos movimentos.

Um exemplo deste aspecto foi uma experiência docente que tive na disciplina de dança contemporânea com a professora Waldete Brito<sup>12</sup>, onde tinha que ministrar aula de dança de salão dialogando com que estávamos estudando em sala.

Achei muito interessante este desafio, mas era algo que já estava analisando em minhas metodologias nessa construção de trazer outras linguagens corporais de gêneros de danças dialogando com a dança de salão.

No dia desta prática alguns colegas perguntaram qual era o ritmo que iria ministrar quais os movimentos, se era difícil e não falei nada apenas escutei. Minha aula era sobre o abraço, que iniciava com uma brincadeira de pira pega só que em casais de forma abraçada, depois fiz uma roda onde as pessoas pelo olhar tinham que se abraçar e fui acrescentando alguns sentimentos, depois em casais ambos tinham que conduzir o corpo do outro dentro do abraço estimulados também e para finalizar uma roda de conversa.

Surpreendeu-me bastante os relatos, que evidenciaram que estavam esperando sequências de movimentos e foi totalmente diferente, e um dos comentários que achei mais interessante foi de uma colega, que saiu da dança de salão devido ser mecanizado e que hoje vendo minha aula ficou emocionada com tal mudança mais humana do dançar a dois. Fiquei muito feliz com o resultado, fortalecendo o caminho que quero seguir.

Então pratiquei essa aula em diversos momentos que tive a oportunidade, com resultados muitos significativos, realizei a mesma aula para praticantes da dança de salão e que é perceptível alguns alunos que se entregam e outros que precisam de um tempo para processar a aula, sentir seguro e se entregar. Cada corpo tem seu tempo e precisamos respeitar isso, mas desde início precisamos estimular outras vivências do dançar a dois.

O abraço consiste na função desses corpos se comunicarem e que ele é o início da dança de um contato mais físico, quero dizer que ao dançar com

---

<sup>12</sup> Waldete Brito: Graduação pela UFPA no curso de educação física, mestrado em artes cênicas pela UFBA e Dr. pela mesma instituição.

alguém temos que partir do abraço desta primeira troca de contato, sentir o outro, que muitas vezes alguns cavalheiros esquecem este momento e iniciam a dança com exagero de movimento.

Dentro do abraço existem outros elementos que são acionados juntamente com a condução e evidencio quatro para melhor entendimento: energia, conexão, fluência e escuta.

Energia nos remete ao lugar, onde esses corpos passam por constantes trocas de toques, quando o cavalheiro coloca certa quantidade de energia para conduzir, a dama responde na mesma proporção daquela energia ou vice-versa, na busca de um equilíbrio constante dentro da dança, para não alcançarmos o patamar da “guerra de braços”.

Essa guerra está ligada quando trocamos energia por força e ocorre um grande desentendimento desses corpos, que principalmente o cavalheiro coloca muita força e a dama não tem a mesma resposta, torna-se uma dança em que os braços ficam em evidência.

Conexão está ligada a escuta dos movimentos, onde ambos conseguem de forma clara entender a condução proposta, não havendo bloqueios na interrupção da condução, quando o cavalheiro deixa esse caminho claro e leve, a dama terá uma boa resposta de suas movimentações.

A conexão do casal é muito importante para comunicação desses corpos ao se estabelecer esta relação desenvolvemos a sensibilidade, como afirma santos, (2016):

Faz-se necessário o entendimento de que ao se estabelecer a “conexão” com corpo do outro, inicia-se ali um trabalho de desenvolvimento da sensibilidade que divide entre os corpos por meio da ação e reação. Simplificamos os processos ao nos concentrar na ideia do jogo de perguntas e respostas, sem determinar qualquer estrutura de movimento; o desenvolvimento desse jogo é amplificador do objetivo de se gerar consciência corpórea de si do outro para que o deslocamento no espaço seja incisivamente mais “orgânico” e consciente. (SANTOS,2016, p.15)

De acordo com autor, a sensibilidade é acionada para este jogo de perguntas e respostas, como também, analisa outro olhar o orgânico que está ligado quando a coreografia dos passos se sobrepõe em relação aos corpos,

mesmo sendo um meio pelo qual as figuras de movimentos desenvolvem, mas alcançar outros pontos que não seja previsível procura amplificação do contato entre a dupla, fugindo um pouco da coreografia de passos, na busca de outras conversas corporais.

Um exemplo desse aspecto que tive em uma aula ministrada pelo Mestre Rolon Ho, para sua companhia, onde trabalhava musicalidade sem determinar nenhum passo de dança de salão e sim o que seu corpo sente junto com a música, nesta vivência encontrei-me, pois naquele momento o que prevalecia era o que estava sentido, eu podia conduzir, tinha meu espaço de fala e que a dança a dois ganhava outras dimensões, foi muito lindo de observar a permissão daqueles corpos.

Fluência é seguir um fluxo do movimento dentro da condução, como afirma Laban, 1978:

A fluência do movimento é francamente influenciada pela ordem em que são acionadas as diferentes partes do corpo. “Podemos distinguir uma “fluência desembaraçada ou livre” de uma “fluência embaraçada ou controlada”( LABAN, 1978, p.47).

De acordo com Laban, esta fluência encontra-se neste acionamento de diferentes partes do corpo e dentro da condução na dança de salão trabalhamos diversas partes do corpo, que acaba sendo interrompido este fluxo pelo pensamento do acerto.

Como a maioria das movimentações é voltada para membros inferiores e esta coordenação da condução dos braços junto com o movimento da perna torna-se embaraçada, por isso, o entendimento ativo na intenção do trabalho mútuo sem separação de pernas e braços, é necessário para a fluidez do movimento.

A escuta é a permissão desses corpos na sensibilidade dos movimentos ditos pelo corpo, aonde os dois venham a se comunicar. A ligação desses pontos é acionada dentro do abraço, um conjunto de elementos que estão presentes no dançar a dois, compreendidos dentro do processo.

Aprender a técnica da dança de salão é necessário, no entanto utilizar esses recursos não como uma “prisão” que estabelece um padrão a ser seguido e nenhum momento explorado de forma diferente.

Diversas possibilidades de expressão leva o corpo dos praticantes à autonomia aprendida a partir das percepções do próprio corpo de quem executa fazendo aqueles sujeitos flutuarem no salão. A leveza, beleza, conexão, sensibilidade, fluidez, energia são resultado do equilíbrio entre técnica e a medida dos passos com as emoções e a naturalidade desses corpos.

Cada encontro um encontro, como afirma Silveira 2008:

A partir do momento em que eu me disponibilizo a dançar com outro, parto do pressuposto que pretendo conversar com essa pessoa através de movimentos em um determinado espaço- salão de baile- e por um tempo delimitado- uma música. E , mesmo que eu escolha a mesma pessoas para dançar a próxima música, o ciclo de comunicação irá iniciar novamente, pois, a cada troca de música terei uma nova temática para dialogar com meu parceiro. (SILVEIRA, 2008,p.2).

De acordo com a autora, vivenciamos diversas experiências a cada corpo que dançamos e que este momento não está atrelado apenas no cavalheiro informar e sim que ambos dialoguem suas danças.

### **2.3. Tipos de condução**

Dentro da dança de salão há certa classificação utilizada para os tipos de condução, e que variam de acordo com cada escola de dança. Irei basear-me nos conhecimentos adquiridos em minhas vivências de dança assumindo o lugar da existência desses tipos de condução e da pesquisadora Maristela Zamoner (2016) que aponta brevemente as concepções de condução que são poucas evidenciadas dentro de sala aula, outras não praticadas e apenas algumas a dama obtém liberdade, são elas:

A condução indutiva está ligada aos gestos, é a “menos” utilizada, mas em alguns ritmos encontra-se presente. Um exemplo é a salsa onde os casais em determinado momentos não mantém mais o contato, realizam passos da salsa ou outros de seu repertório e o cavalheiro pela sua indução corporal volta para estrutura de mais contato com sua dama.

A condução pelo braço quando esses corpos ficam com mais contato e os braços do cavalheiro com energia conduz a dama para realizar as movimentações. Nesta condução os braços ficam em evidência, mas não

podemos esquecer que o tronco o corpo como um todo está ligado a esta condução.

Condução ou concepção corrompida, quando o cavalheiro manda a dama obedece não podendo recusar. Nesta condução fica evidente a submissão da dama e que hoje ainda é presente.

Condução ou concepção alternada, nesta condução independente do sexo dos indivíduos eles realizam esta prática do dançar a dois. Esta condução trata-se de outros valores que ainda precisam de um tempo para ganhar sua força. No trabalho de conclusão de curso do professor Rullien Polizeli (2016) na área de educação física onde realizou uma composição coreográfica em que os casais eram do mesmo sexo, mas dentro de seus papéis, afirma Polizeli, em sua problemática:

A problemática surge quando em um processo de composição coreográfica não tratamos a dança de salão como uma modalidade que é dançada necessariamente por uma dama e por um cavalheiro e sim por dois homens e por duas mulheres, no qual nesta relação não exista em um dos homens uma postura de dama, e entre as mulheres uma postura de cavalheiro e sim a relação de condutor e conduzido que irá variar entre os dançarinos no decorrer da coreografia. Serão realizados movimentos técnicos estruturados femininos e masculinos, porém estes vão ser readaptados para a memória corporal pertencente ao gênero do dançarino que estiver executando as determinadas movimentações. (POLIZELI, 2016, p.12)

Em conformidade com o autor, há uma quebra de estereótipo de dama e cavalheiro e cada um exerce seu papel sem deixar caricato quando vira o condutor ou conduzido dentro da composição coreográfica que tive uma participação dentro desse trabalho, que não foi fácil, pois quando era condutor meu corpo transmitia ações de cavalheiro e objetivo era ser dama com passos do condutor.

Um trabalho que nos traz diversas reflexões e que hoje estão mais presente dentro dos bailes, damas dançando com damas e cavalheiros com cavalheiros. Existem cavalheiros que obtém seus estudos voltados para damas, onde suas aulas e no momento de dançar são como dama, e trazem outras reflexões para dança de salão.

Condução ou concepção acentuada, nesta condução ocorre o silêncio da condução, neste momento o cavalheiro oferece a ela uma liberdade

temporária, a dama observa uma pausa da condução e realiza os movimentos que deseja , voltando depois para condução do cavalheiro.

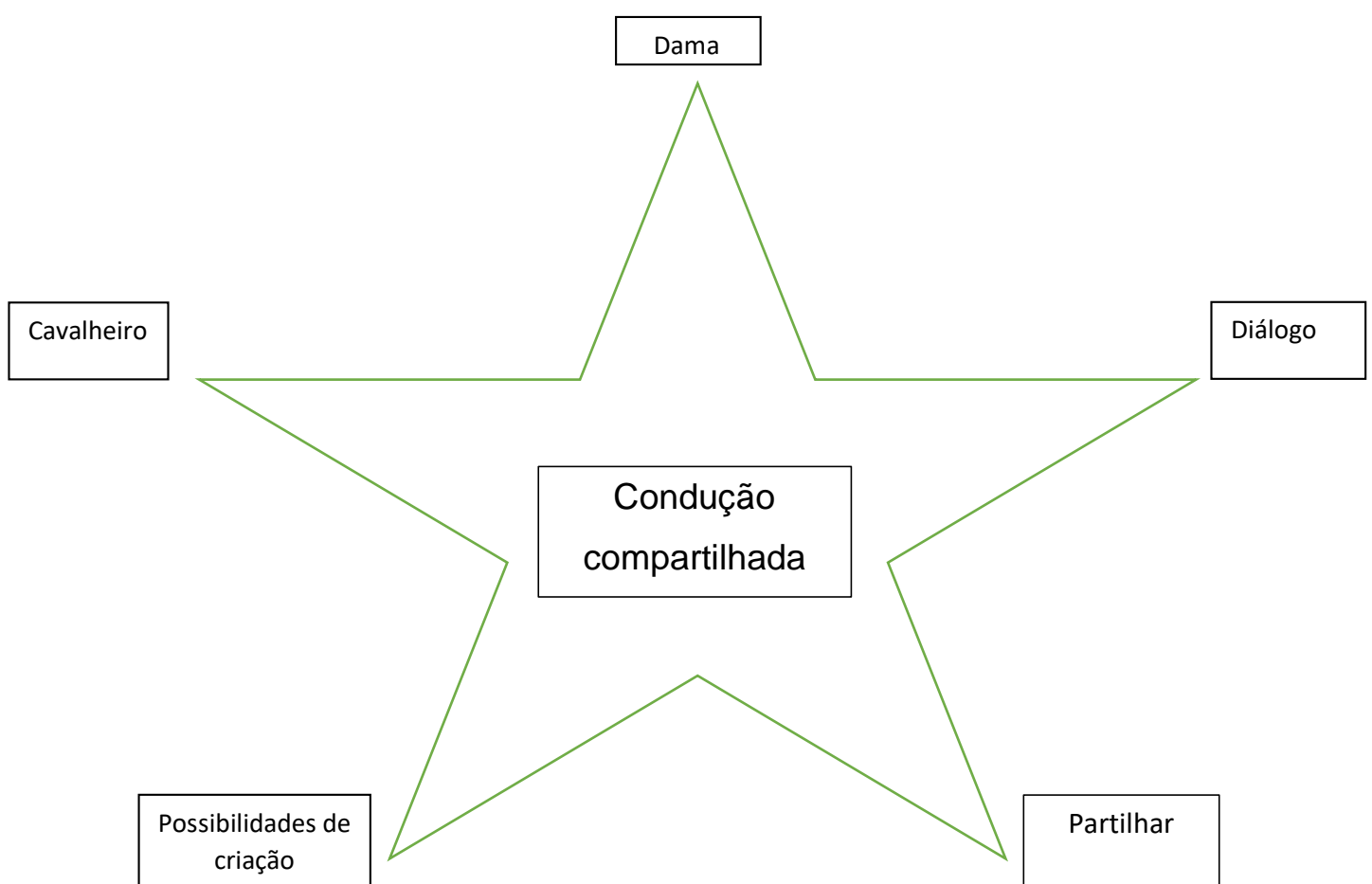
Condução ou concepção ampliada, nesta condução a dama sem sair de seu papel pode propor conduções para o cavalheiro.

Condução ou concepção compartilhada, nesta condução a dama venha conduzir sem sair do seu papel, pedindo corporalmente sua proposta, compartilhando com ele essa dança, falarei com mais detalhe desta condução na próxima sessão.

Condução ou concepção revolucionária, nesta condução há uma diluição da condução, ainda temos poucas pesquisas sobre esses parâmetros.

### 3- CONDUÇÃO COMPARTILHADA

Figura 10: estrela Compartilhada



Fonte: Rudolf-von Laban 2007

Esta criação autoral denomina-se estrela compartilhada, onde destaco a condução compartilhada e seus cinco pontos de importância diante de minhas análises. Tenho como base para esta criação a estrela labaniana retirada do livro teatro do movimento de Leonora lobo e Cássia Navas 2007, que viabiliza os cinco componentes presentes no movimento humano, como afirma lobo e Navas,( 2007):

Os cinco componentes estão presentes no movimento humano, que não é possível existir sem eles, apesar de, na maioria das vezes, não termos consciência a seu respeito. Bailarinos ou coreógrafos podem começar seus improvisos e estudos a partir de um dos cinco componentes da estrela, como por exemplo, pelo espaço ou ações. Durante a execução do movimento, os outros componentes vão sendo naturalmente combinados ao componente que estimulou o processo. Inúmeras combinações podem ser feitas a partir destes componentes estruturais, dando-se origem a frases e vocabulários diversos. (LOBO; NAVAS, 2007, p. 144).

De acordo com a autora, a criação desta estrela labaniana canaliza o movimento humano, o corpo como grande fonte de pesquisa e que ao mesmo tempo facilita outros fazedores a entender seus movimentos de uma forma mais clara e objetiva, por isso, sua grande importância de soma e aprendizado.

E trago esta mesma ideologia para dança de salão, no intuito de agregar valores significativos para o estudo da condução compartilhada, um disparador para outros olhares e um caminho de entendimento de pesquisas corporais, como também, facilitador no ensino desta condução. Estrela compartilhada, um nome denominado por mim, revela um estudo que está ganhando seu espaço na dança de salão, para despertar interesse para classe e gerações futuras.

Nossa Belém do Pará também está sendo afetada por estes pensamentos, dentro de uma caminhada que vem ganhando seu espaço devagar, através de professores e fazedores mais abertos a novas práticas do dançar a dois, como também, existindo em São Paulo, encontros contemporâneos de dança de salão, na reflexão dessas descobertas, trabalhos, pesquisas e entre outros.

Na estrela compartilhada, evidencio no centro a condução compartilha, sendo o ponto de partida para os outros cinco componentes como: dama, cavalheiro, diálogo, possibilidades de criação e partilha.

Iniciaremos pela condução compartilhada, não temos registros concretos de que forma surgiu, mas com a inserção de novos pensamentos para dança de salão, fazem o pesquisador realizar suas pesquisas. Zamoner (2016), afirma sobre a condução compartilhada:

Da mesma forma, conforme a concepção histórica, o cavalheiro é o condutor preponderante e a dama sem sair de seu papel, pode pedir corporalmente, de forma sutil e sem comprometer a ideia inicial do cavalheiro, para assumir, por exemplo, a definição do tempo em que o movimento proposto pelo cavalheiro será feito, compartilha com ele uma das esferas da condução. (ZAMONER, 2016, p.89)

De acordo com a autora, define a condução compartilhada quando a dama sem sair do seu papel corporalmente conduz o cavalheiro não comprometendo a ideia inicial de sua condução. Acredito em um olhar, além disso, a dama pode sim sair de seu papel de conduzida e passar a conduzir sendo preponderante, como também, propor outros caminhos que não sigam totalmente a condução do cavalheiro.

A condução compartilhada é este grande jogo de pergunta e resposta onde o casal obtém este diálogo e não apenas o cavalheiro, sendo que geralmente a dama faz suas propostas a partir da condução do cavalheiro e que ganhas diversas dimensões.

Esta condução é o local de mais espaço de criação, liberdade, conduções para dama, um momento para expressão corporal desses corpos, aqui temos damas mais ativas, no sentido de quem fazem suas escolhas e direcionam outros caminhos, passando de uma relação dominante/dominado e assumiria uma ligação mais equivalente entre os pares.

Este termo condução compartilhada ainda temos diversas definições e má interpretações no sentido de damas que não compreendem o “como fazer” suas propostas de forma clara e objetiva chegando no “qualquer” jeito não sendo confortável, prazeroso, diferente para aquele momento, deixando esta condução com olhar negativo, que não dá certo, que não existe, e entre outros aspectos.

Alguns autores não gostam de usar o termo condução compartilhada, como afirma Strack, (2017):

Assim, é possível que o diálogo corporal entre um par dançante seja a forma mais eficiente para o momento atual das danças de salão, principalmente no Brasil. Alguns professores que já se utilizam disso em suas aulas dão nomes diversos a essa prática: condução compartilhada, condução mútua, condução líquida, condução fluida, entre outros. Como já visto anteriormente, a palavra “condução” não parece ser a melhor escolha, pois pressupõe hierarquia, mesmo que cambiante. Dessa forma, neste trabalho, essa forma de comunicação entre o par será chamada de diálogo corporal, e as conduções serão chamadas de “proposições”, pois o parceiro tem o direito de decidir se irá realizar os movimentos ou não. (STRACK, 2017, p.59)

Dessa maneira, a palavra condução nos remete ao local de hierarquia que acabam utilizando outros termos. Compreendo o espaço que esta palavra nos remete, mas afirmar este lugar da condução é necessário para que possamos entender estas concepções.

Quando conheci Sheila Santos clareou minhas ideias e de minhas colegas de trabalho, estruturando melhor nosso papel como professoras mulheres de dança de salão para um caminho mais ativo de assumir este lugar com responsabilidade saindo da zona de conforto e buscando de verdade nosso espaço, como também, entendendo sobre esta condução.

No curso de capacitação para professores realizados em Belém nos dias 5, 6 e 7 de novembro pela Associação Paraense de dança de salão<sup>13</sup>, ministrado por Sheila Santos, diz que, não usa esse termo condução compartilhada pelo fato do termo não ser acessível, pois esta condução é partilhar e damas e cavalheiros não fazem isso e muitas pessoas associam a ela devido seus estudos que utiliza o termo damas ativas no sentido ampliar um pensamento do papel da dama, sendo participativa, crítica, questionadora desse lugar, não descartando as damas que gostam de ficar na sua zona de conforto mas é preciso que sejam educadas para essas novas possibilidades.

Em seu artigo o diálogo dançante da dama contemporânea no ano de 2013, relata suas experiências de vida, destacando o trabalho árduo de ser uma dama na dança de salão, organizou suas ideias de forma mais clara e

---

<sup>13</sup> Associação Paraense de dança de salão sem fins lucrativos, criada em 29 de janeiro de 2004, congregando profissionais e representante da classe dança de salão do estado

didática, no que já vinha fazendo com seu parceiro, são quatro estágios disparadores para pensarmos na dama ativa.

**Figura 11: Estágios da dama ativa**

Estágio 1	<p>Cavalheiro: Conduz todas as movimentações para dama sem variações</p> <p>Dama: Executa o que o cavalheiro sugerir, sem enfeites.</p>
Estágio 2	<p>Cavalheiro: Conduz, criando variações (modificações nos contatos, direções e/ou dinâmicas).</p> <p>Dama: Executa a movimentação proposta pelo cavalheiro, enfeitando com as partes do corpo que estiverem disponíveis, sem modificar o tempo sugerido.</p>
Estágio 3	<p>Cavalheiro: Em determinadas movimentações, pode gerar mais tempo para os caminhos e enfeites da dama. Este tempo proposto pelo cavalheiro se dá através de um silêncio de condução, para que ela tenha liberdade de executar sua ideia.</p> <p>Dama: Identifica o início deste silêncio de condução, aproveita o tempo proposto, ampliando suas possibilidades de enfeites, e responde ao retorno de condução do cavalheiro.</p>
Estágio 4	<p>Dama: Interfere na ideia do cavalheiro, pedindo mais tempo e/ou modificando o caminho proposto inicialmente. Deve deixar claro o momento em que finaliza sua ideia, retornando a comunicação para ele.</p> <p>Cavalheiro: Percebe e atende as solicitações da dama, retomando a condução ao final da ideia dela. Deve estar preparando para adaptar e modificar sua ideia inicial, aproveitando a movimentação sugerida pela dama.</p>

**Fonte: Sheila Santos 2016**

De acordo com a ideia de Sheila Santos, que organizou esses caminhos através de sua trajetória na dança de salão e que cada estágio refere-se por tudo que passou até o último, sendo gradativo para o entendimento de uma dama mais ativa dentro das propostas de condução.

O estágio um refere-se à condução de fato sem variações, o movimento pelo movimento em que o cavalheiro conduz e a dama responde, forma mais tradicional desta relação, mas que esses corpos devem estar ativos, equilibrados para executar as movimentações.

O estágio dois, tem algumas variações do cavalheiro onde modificam a estrutura já aprendida, misturando as sequencias de movimento, como também, mudando direções e tempo e a dama espera essas informações para harmonia do casal, mas coloca sua criatividade escolhendo principalmente os floreios<sup>14</sup>, em cada movimentação e esses floreios considero como liberdade da dama, um dos primeiros estímulos para sua autonomia.

O estágio três refere-se ao “silêncio da condução”, este silêncio é o momento em que o cavalheiro deixa um tempo mais livre, para dama criar na sua liberdade de criação retornando ou não a proposta inicial do cavalheiro, Exigindo do casal uma relação mais atenta e sensível.

O estágio quatro é quando a dama propõe modificar a condução do cavalheiro, conduzindo-o. Uma relação sensível desses corpos, para novas descobertas.

Particpei desta vivência que fizemos esses quatro estágios apenas com os integrantes da companhia que faço parte, foi muito divertido essa experiência de descoberta, todos concentrados no processo de fato para uma vivência, que ainda é novo para os cavalheiros e desafiador para as damas, mas mudou radicalmente nossos pensamentos em vários aspectos, dentro da condução de fato, como também, mais autonomia para assumir turmas, trabalhar de fato igualmente com os meninos.

---

<sup>14</sup> Floreios são movimentos criativos da dama dentro do movimento proposto pelo cavalheiro, não saindo do tempo da movimentação. Uma liberdade da dama para se expressar.

Dentro desses estágios enxergo-me várias vezes onde precisei entender o lugar que estava para depois inserir minha liberdade de expressão. Este estudo revela de forma clara as alteridades do corpo, que pulsões são estas que nos movem, neste momento aparece quatro estágios, mas quem sabe não apareçam outros tudo é possível na essência da vida dançante, basta acreditar. Como afirma Santos 2017:

Acredito que estamos caminhando na construção de um diferente diálogo dançante, com o início da conversa ainda proposto pelo cavalheiro. Porém, a dama atual, com toda sua beleza e sensibilidade, participam desta conversa muito mais ativamente, não apenas respondendo. Essa dama também tem muito a dizer sobre ela mesma, sobre ele, sobre os dois, seja através dos seus enfeites, da sua forma de ouvir a música ou de toda a expressividade do seu corpo. (SANTOS, 2017, p.4)

De acordo com Sheila Santos, apesar do início da conversa seja ainda proposta pelo cavalheiro, a dama mais presente não está apenas respondendo, ela também fala com seu corpo principalmente o que sente. Dentro de minhas experiências, em certo baile, com meu corpo peguei um detalhe na música e meu cavalheiro não, cada um foi para caminhos diferentes, e de cara levei um olhar nada agradável.

Depois refleti sobre o que estava fazendo, mas pensava da seguinte forma: se eu tenho dois ouvidos e estou escutando a mesma música que todos, por que não posso fazer o que eu estou sentindo? Fiz esta pergunta para meu parceiro de dança Rullien Polizeli, e o mesmo falou: Você pode, mas deixa claro o que queres para o cavalheiro, mas lembre, nem todos irão aceitar.

Fiquei com isso na cabeça, e em seguida fui dançar primeiramente com ele e percebi formas de pegar a música seja em uma batida forte, na voz do cantor ou instrumentos que estão presentes na música com o meu corpo, sem sair da condução do cavalheiro inicialmente e depois com forma em que tivesse mais liberdade. Entendi mais ou menos o que meu corpo fazia, mas sempre na ideia de saber qual cavalheiro iria me oportunizar essa experiência.

No texto diálogo de um ser a dois: uma perspectiva para dançar tango no ano de 2012 de Paola Vasconcelos<sup>15</sup>, relata sua experiência com seu parceiro em um momento de ensaio:

Na descrição desse instante, percebo que meu parceiro passou por uma situação de adaptação, pois ofereci um estímulo no decorrer da sua proposta, que não fez parar de dançar, apenas modificou sua ideia inicial. Entretanto, esse processo não é previsível, pois não se sabe quem terá algo a falar primeiro e a cada instante somos convidados a lançar nossas ideias e, principalmente, a aguçar nossa capacidade de escuta (SILVEIRA, 20, p.3).

Diante disso, Silveira relata o processo que seu parceiro teve a partir de um estímulo que a mesma proporcionou, e o mesmo aceitou sem parar de dançar, quando o cavalheiro permite mudar sua ideia inicial, criando outros diálogos que a cada instante eles podem mudar, chegamos a outro nível de interação com o parceiro, sabendo escutar cada corpo.

O desenvolvimento dessa escuta corporal na dança de salão faz com que ambos estejam atentos aos mais variados sinais corporais: respiração troca de peso, tensão e relaxamento muscular torções corporais, dentre outros (Stack, 2013, apud, NUNES, 2018, P.101)

De acordo com autor, quando temos damas mais ativas, trata-se de escutas corporais que desenvolvem as percepções de nossos movimentos, dos amplos aos mais sutis. Todas essas percepções fazem compreender o melhor momento da dama agir, para que possa originar novas possibilidades durante o dançar e ao mesmo tempo desfrutar das propostas alheias.

Apesar deste termo ainda ser muito criticado, assumo este lugar de condução compartilhada junto com as ideias de Sheila Santos, pois devemos esclarecer melhor esta condução e mostrar que ela é possível.

Diante disso, eu e minha colega de profissão junto com outras professoras, onde falarei delas na próxima subseção, estamos levantando esta bandeira da condução compartilhada, com pesquisas, práticas entre nós mesmas, arriscando também inserir algumas ideias dentro de sala de aula.

---

<sup>15</sup> Paola Vasconcelos Silveira, doutoranda no programa de artes Cênicas da UNIRIO, Mestra em artes cênicas pela UFRS. Suas pesquisas são voltadas para dança de salão e o tango

Com o intuito de sermos damas referência nesta condução, mudando olhares, ganhando seguidores para somar as ideias e ir além delas. Tenho em minhas reflexões que seguiremos no trabalho árduo, mas que nunca possamos desistir no que acreditamos. O novo muitas vezes é criticado, mas quando experimentado diante do tempo de cada pensamento, mudamos junto com ele.

Como umas das partidas deste pensamento para classe da dança de salão, realizamos um vídeo falando desta condução. Éramos quatro professores, colocando em evidência esta condução inicialmente através de um texto elaborado por mim e minha colega de profissão extraído de nossa experiência e este vídeo terminava com os casais dançando, tendo damas ativas na condução proposta ou mudando o caminho do cavalheiro.

O texto inicial deste vídeo nos revela, muito quem somos, e o que queremos atingir, então vamos?

Condução compartilhada

Mas o que é isso?

Falas

Escutas

Percepções

Corpos

Espaços

Damas

Um lugar de encontro

Em que dois corpos falam

Passando a ter damas mais conscientes de seus movimentos

Damas ativas

Cavalheiros dividindo as responsabilidades

Entregando-se a dança

COM alguém

PARTILHAR sensações

Você está preparado

Não tenha medo

Temos que experimentar novas possibilidades. (diário de bordo da pesquisadora, 2018, p.33)

### 3.1- Damas

**Figura 12: Ensaio fotográfico Aline Moreira**



**Fonte: Márcio Loureiro 2016.**

Dama- é a entidade feminina do casal, a unidade da dança de salão, que se comporta com integridade, exercendo seu domínio ao selecionar o cavalheiro que irá conduzi-la, enquanto demonstrará seu grau de satisfação. (ZAMONER, 2016. p. 52)

De acordo com a autora, a dama tem seu comportamento com integridade e seleciona o cavalheiro que quer dançar, um pensamento que predominava na época dos grandes bailes do Rei. Hoje a dama não se encontra nesses parâmetros, suas escolhas e satisfações são limitadas pelo pensamento da dama ser o charme, a leveza, o brilho da dança a dois, acredito sim que ela seja tudo isso, mas que ela possa também obter suas próprias escolhas e satisfações.

. Tradicionalmente a dama é ensinada a trabalhar sua escuta corporal de forma refinada para responder a qualquer condução de diferentes cavalheiros seguindo sua trajetória até na questão musical, a única decisão que pode tomar, criar, se expressar são nos momentos dos floreios ou enfeites, que muitas vezes não pode atrapalhar o cavalheiro.

Existem diversas damas no salão independente de ser, magra, alta, baixa, senhoras isso não define sua dança ou o que é ser uma boa dama. Existem damas leves, no sentido de obter um controle corporal, consciência,

um corpo ativo, assim como, damas “pesadas” que se torna difícil de conduzir devido a compreender seu corpo.

Temos as damas experientes muitas vezes são cheias de vícios que não sabem dançar com outros cavalheiros, só alguns que tem mais proximidade, como também, damas que não entendem a condução, a famosa dançar “sozinha”, que nos remete a damas desconectadas de seu cavalheiro e executam seus movimentos. São termos que definem essas variedades de corpos dançantes onde acredito que o importante são nossas particularidades fundamentais para se sentir bem e conseqüentemente dançar bem.

Diante dessa diversidade de damas que existem pergunto-me, o que é ser uma dama boa? Qual seria o ideal? Apesar de muitas vezes recebemos a “culpa” do erro da movimentação, assim somos sujeitas a rótulos de “dama rebelde”, “agora dama faz o que você quiser”, “tenha calma daminha”, “dama você não pode conduzir”, a mulher manda em tudo, pelo menos aqui eu mando”, e entre outras falas que só fazem afirmar mais ainda o local que estamos dentro do sistema. Precisamos dialogar mais uns com outros, pois com os erros aprendemos, sem julgar o certo ou errado, mas apresentar possibilidades para melhorar nossa dança juntos.

Como posso ser boa? Sendo que em aulas por vezes a criatividade da dama é retirada, e a condução do cavalheiro é valorizada. Ser boa não quer dizer que você irá dançar lindamente bem com qualquer pessoa. Segundo Perna (2011, p.2), boa dama é quem: “sente a condução e faz determinado passo sem que tivesse pensado em fazer. Esse é o caso ideal. Boa dama e um cavalheiro com boa condução. ”

Acredito em um pensamento um pouco diferente, que para ser uma boa dama, depende da vontade de cada um com a dança, mas como professora formo damas para dançar bem com qualquer cavalheiro, retirando preocupações, obstáculos e que elas são capazes sim, ensinando-as de forma detalhada sobre o seu corpo, aliados a técnicas necessárias que ganham com o tempo. Não precisa ser perfeita basta você está bem com você mesma e acreditar, pois nada é impossível.

Muitos relatos sobre inspirar outras damas deixam-me feliz em receber esses afetos e perceber o quanto minha dança pode afetar o outro e que passa a inspirar vidas, pensamentos, sonhos. Mas, outras mulheres me inspiram também, agregando valores para minha dança sendo eu mesma e não elas. Algumas são da dança, outras dos ensinamentos da vida. Não há separação, tudo está relacionado, atravessamentos que nos tornam seres humanos melhores.

Nazaré

Mulher protetora

Que quando dança

Sinto tranquilidade, sem se importar.

Certo ou errado

Quer apenas ser feliz.

Minha dança se torna busca.

Ellen Cavalcante

Mulher resistente

Que me fez amar a dança

Apesar de cobranças e ensinamentos

Estava querendo meu bem.

Minha dança se torna minha.

Rosângela Colares

Dança potente

Em suas falas traz reflexão

Afirmou meu lugar

Que é a dança de salão.

Minha dança se torna afirmação

Mayrla Andrade

Mulher de fé

Cheia de amor dançante para doar

Me ensina que o respeito é necessário

Na dança.

Minha dança se torna afeto

Sheila Santos

Mulher de fibra

Atitude

Mudança de pensamentos

Para uma dança

Igualitária.

Minha dança se torna ativa.

Flávia Teixeira

Mulher que encanta com sua dança

Cheia de charme e leveza

De muitas possibilidades

Corporais.

Minha dança se torna definição.

Minhas amigas professoras

São bem diferentes

E que cada uma me ensina

Mayra Milk mulher de opinião

Heloá Tavares determinação

Hanna di Paula girls power

Thais Sousa desistir jamais.

Minha dança se torna potência.

Minhas amigas panteras de faculdade

Mulheres que me ensinam

Paola, cheia de humildade.

Glenda, mulher de entrega.

Hellen dedicada

Raeuly, superação a cada dia.

Abigail pureza.

Nayara de Jesus afetos.

Minha dança se torna cada uma.

Jacqueline

Mulher guerreira  
Que batalha  
Todos os dias  
Para seus filhos e sua família.  
Minha dança se torna luta

Raquel Mesquita  
Mestra  
Que nos ensina  
A como ensinar  
A sermos profissionais  
Exerce um trabalho fantástico  
Com crianças  
Que amo trabalhar também.  
Minha dança se torna profissional.

Tias  
Mulheres guerreiras  
Que criam suas crias sozinhas  
Uma ajudando a outra  
Partilhando apenas amor  
Minha dança se torna forte.

Minhas avós  
Tenho muitas  
Amor que não se mede  
Cuidado ao extremo  
Lições sinceras da vida  
Minha dança é amor.

**Mulheres que inspiram Mulheres!**

Uma grande característica das damas da dança de salão, relacionado ao um objeto material são os sapatos ou salto alto. Dançar de salto requer outra estabilidade corporal e um cuidado melhor com o corpo evitando lesões.

O sapato não é um simples salto, nele existe história. Geralmente utilizamos os saltos específicos e apropriados para se dançar e que com o passar do tempo ficam mais flexíveis. Um exemplo deste aspecto, do primeiro sapato que ganhei de dança de salão, nossa fiquei muito feliz, pois tinha meu salto. Dançava em apresentações, bailes era minha segunda pele, era meu preferido.

Tinha um grande afeto por ele, pois me sentia bem e segura dançando, depois fui comprando vários tipos de sapatos de dança de salão e cada um me passava algo, também tive a experiência de comprar sapatos que não são de dança e amei dançar com eles, pois sentia um charme diferente e que conseguia dançar mesmo não sendo adequados. Sempre gostei de sapatos altos, mas para dançar adoro os médios.

Teve um sapato em especial que marcou de fato um momento importante em minha vida, quando fiz Carmen Miranda, não tinha dinheiro para comprar outro então peguei o eu já tinha e amava, reformei o sapato remendando toda história que tinha nele, pois teriam que continuar só que agora de forma diferente, pedras, tecidos, bordados e ficou com outra cara meu sapato. Então com ele conquistei muitas coisas, dentro de uma coreografia desafiadora, hoje se encontra um pouco velho, mas firme e forte para escrever mais histórias e riscar os salões com sua beleza.

**Figura 13: sapato Carmem**



**Fonte: Acervo da pesquisadora 2018**

Agora partiremos para entender a dama na condução compartilhada. Diante dos estudos de Sheila Santos, minha experiência, pesquisas de outras pesquisadoras, e reflexões com minhas colegas de trabalho direcionou para um caminho dessa prática.

Nesta condução a dama precisa entender seu corpo, o que está fazendo e como irá conduzir. Destaco uma trajetória de conduções possíveis, pelo olhar, ralentar o movimento, mudança posição da dama, mudança da posição do cavalheiro, pelo toque, corporal, mudar o abraço.

Pelo olhar, é uma tarefa difícil, e temos que analisar como fazer isso, as pessoas não se olham quando estão dançando, seus olhares geralmente é para o chão. Em umas de minhas experiências fui conduzir o cavalheiro para o que queria com o olhar e não consegui, pelo fato de não me olhar e quando tinha oportunidade não sabia o que fazer.

Ralentar está ligado à desaceleração do movimento então a dama tem que está acionada para este momento, com corpo ativo quase entrando na pausa o movimento, caso a dama faça de qualquer jeito não irá adiantar e o cavalheiro terá outros entendimentos. Quando ocorre este ralentar são em movimentos abertos no sentido de giros, aberturas laterais, preparações para entrada de algum movimento, que pode seguir uma pausa que segue o fluxo do movimento que já estava proposto.

Mudar de posição da dama, quando o cavalheiro exerce um silêncio quando sua condução “para”, a dama pode criar movimentações de seu gosto e mudar sua posição de origem modificando a trajetória já proposta.

Mudar de posição do cavalheiro, a dama quando perceber que terá seu momento de participação, passar a conduzir com o corpo mudando a direção do cavalheiro e o mesmo volta para condução que estavam.

Toque e corporal, no toque seria com os braços, a dama indicar sua condução ou fazer uma preparação do que quer realizar através do toque e o corporal, seu corpo como todo indica a mudança e conduz o cavalheiro.

Pelo abraço, são diferentes abraços no sentido de mudar a posição tradicional da dança de salão para diferentes abraços, isso geralmente acontece quando inicia a dança ou no momento em que o cavalheiro irá voltar para o abraço tradicional à dama muda a forma de abraçar o cavalheiro ou em algum momento propício que a dama queira abraçar, mas deixando claro sua proposta.

Clareza, escuta, espera corpo ativo, entendimento, prazer são adjetivos que temos que pensar no momento em que a dama conduz o cavalheiro, não pode ser de qualquer jeito, assim como, o cavalheiro não conduz sua dama de qualquer jeito.

Em uma aula que ministrei no primeiro encontro de damas aqui em Belém do Pará, falei sobre conduções da dama, foi algo desafiador, pois era a primeira vez que iria falar sobre. Organizei da seguinte forma, levei alguns meninos para ajudar na aula no sentido de obter só mulheres no encontro de damas e como iria trabalhar condução, era necessária a presença deles como experimentadores do processo.

Separei três formas de a dama conduzir, pelo abraço e pelo silêncio do cavalheiro, onde ele parava sua condução, a dama fazia suas movimentações voltava para onde ele ficou induzia a volta da movimentação, a outra ainda pelo silêncio, o cavalheiro parava sua condução a dama fazia sua movimentação que estava sentindo e não voltava para o movimento, parava seu corpo onde queria e o cavalheiro a partir disso, continuava sua condução.

No início inicie com uma roda de conversa e perguntei da seguinte forma: “damas vocês acham, que vocês podem conduzir?” E elas, “sim” e logo em seguida fiz outra pergunta, “Mas vocês gostam de criar ou apenas ser conduzida?” “Nós gostamos de ser conduzidas” a maioria disse, mas uma despertou minha atenção na sua fala dizendo “professora acredito que a condução é igual, dividindo a responsabilidade” e eu opa! Aquela dama pensa diferente das outras, dito e feito.

No decorrer da aula, essa dama fazia coisas diferentes, entregava de fato a proposta da aula. As outras ainda tinham certo receio, por ser algo novo para elas, em relação aos cavalheiros pude observar que estavam concentrados para dama, na procura de entender melhor este funcionamento e que os mesmo permitiam e se envolviam na condução da dama.

De uma forma geral, esperava mais dos alunos, mas tinha em mente que não seria fácil e não poderia ficar triste com algo que desse errado, mas ainda temos corpos fechados para aceitar novas propostas, e nos permitir vivencia-las.

Realizei uma pequena entrevista informal com damas da dança de salão professoras e uma aluna, para saber o que entendiam sobre condução compartilhada. As três perguntas da entrevista realizada no dia 20/11/2018 estão no apêndice 1, na página (82).

Analisando suas respostas muitos posicionamentos em relação a esta condução, nos mostra um grau de entendimento do espaço da mulher, que pensar nesta condução é uma grande abertura para pensar profundamente neste espaço, afirmando o lugar do dançar a dois, em que ambos possam descobrir outras possibilidades. Como afirma a entrevistada dois, que mais chamou minha atenção:

*[...] Pelo pouco que conheço da condução compartilhada acho que é algo desafiador e revolucionário na dança de salão, pois faz valer a expressão “dançar a dois”. A dama sai da sua zona de conforto de apenas ser um corpo conduzido tendo que perceber maneiras de propor coisas novas ao cavalheiro; e o cavalheiro sai da zona de conforto de apenas comandar; tendo que saber perceber e se entregar à dama também. (entrevistada 2, entrevista realizada no dia 20/11/2018, local pelas mídias sociais.)*

Esta entrevistada é aluna de dança de salão e nela percebemos um olhar diferenciado, a necessidade de sair de nossas zonas de conforto para permitirmos algo diferente. Fiquei surpresa com sua resposta, pois poucas damas alunas pensam desse jeito, muito gratificante quando temos esses olhares. Outra resposta pertinente foi a da entrevistada 5, que diz:

*[...] Para mim o nome fala por si só! É uma dança onde há partilhas, trocas, diálogos. Um momento histórico, político, social, cultural de mulheres que lutam pelos seus direitos, seus lugares de fala e por equidade social. Uma geração empoderada que compreendem a importância do ser/estar no mundo e que vem buscando representatividades simbólicas de poder e ocupando espaços antes inimagináveis, em todos os âmbitos de suas vidas. Inclusive na dança de salão! Dança compartilhada para mim é nada menos do que um verdadeiro diálogo dançante entre homens e mulheres, um grito de liberdade de expressão da mulher! (entrevistada 5, entrevista realizada dia 20/11/2018, local pelas mídias sociais.)*

Nesta fala, percebemos um posicionamento político muito forte, uma dama que luta pelos seus direitos e de outras mulheres. Inicia primeiro falando deste lugar empoderado para depois dar sua opinião sobre a condução, como se fosse uma introdução para real afirmação deste compartilhamento da expressão da mulher, um verdadeiro grito!

Em outra fala para a entrevistada 3 respondendo a pergunta de número 3, afirma:

*Creio que a nova geração está começando a ter uma mente mais aberta para novas possibilidades, mas acredito que ainda vamos batalhar para conseguir fazer com que alguns cavalheiros, das antigas, que possamos fazer com que eles compreendam que a responsabilidade também pode está em nós, damas, não somente neles. (entrevistada 3, entrevista realizada dia 20/11/2018, local pelas mídias sociais.)*

Percebe-se uma fala, para a geração de hoje que estão abrindo suas mentes a novas possibilidades, mas há certa preocupação com os antigos, evidenciando que seus pensamentos são tradicionalistas e que com o tempo eles irão mudando suas opiniões através de nossas atitudes de damas, mulheres mais ativas não só na condução, mas na dança de salão de forma geral.

Falas de grande importância para entendermos diversos pensamentos, de pessoas totalmente diferentes em relação a suas idades, crenças, até mesmo na mescla de alunas e professoras, que tratam o assunto com muita maturidade, não descartando a ideia da condução, mas sim mostrando o seu valor na vida de seus praticantes.

### 3.2- Cavalheiros

Figura 14: Projeto Entre Ruas



Fonte: Cleiton Telles 2015.

Cavalheiro- é a entidade masculina do casal, a unidade da dança de salão, que se comporta com integridade, submetendo-se à decisão da dama em aceitar ou não sua condução, que ocorre com a finalidade de satisfazê-la (ZAMONER, 2016, p.52).

De acordo com a autora, o cavalheiro está submetido à decisão da dama para a dança, com objetivo único de satisfazer sua dama. Hoje se encontra bem diferente este pensamentos cavalheiros dificilmente aceitam o não da dama e preocupam-se muitas vezes em acertar seus passos e acabam dançando sozinhos, sem conexão com a dama, sem olhar para elas.

O papel do cavalheiro vai além da condução, precisa saber o passo que irá fazer, conduzir a dama, executar a movimentação junto com a dama dentro do ritmo da música. Esse caminho ocorre em frações de segundos, além disso, está atento ao espaço, o cuidado de sua dama para não esbarrar em ninguém, a dama tem sua parcela de ajuda no momento em que o cavalheiro irá bater

em alguém quando está de costa, a mesma trava seu corpo para parar o cavalheiro rapidamente.

Durante o processo de aprendizagem, a formação técnica de um cavalheiro é mais complexa do que a de uma dama. Isto se deve ao fato de que o cavalheiro deve executar passos e ao mesmo tempo conduzir os da dama, arquitetando toda a dança de salão (ZAMONER, 2007, p. 144).

Diante disso, a coordenação da condução junto com o movimento torna-se difícil para o cavalheiro, pois decide os passos sem saber o que a dama tem a dizer. São muitas funções para um ser só, que muitas vezes no processo de aprendizagem homens desistem, como também, a falta de cavalheiros na dança salão ainda é precária por obstáculos próprios e por inúmeros caminhos para dançar bem.

No processo de ensino, os cavalheiros são fonte de informação e muitos professores preparam sequências dentro de suas aulas, o aluno fica codificado com esse caminho, uma preparação mental de sequência de movimentação e quando ocorre um imprevisto, não sabem o que fazer ou quando dançam com uma dama que não segue o mesmo cronograma de movimentação que o professor passa, acontecem erros e até mesmo coloca a “culpa” na dama por não saber, afirmando seu lugar de comando ou não entendedores de que a dança como espaço de sentir.

Os próprios professores ensinam através do uso de sequências de movimentos, ao invés de ensinar o aluno a ser autônomo, de garantir o entendimento sobre de onde um passo vem e para onde ele vai ou o porquê das figuras serem como são. Cesar, em sua pesquisa sobre as metodologias de ensino de dança de salão em renomadas escolas de dança de salão do Rio de Janeiro, conclui: “as propostas de ensino fechadas, engessadas no poder decisório do professor e na repetição do aprendizado de sequências de passos ainda têm um traço forte na forma de ensinar a dança de salão” (Granjeiro 2012, *apud* STRACK, 2014, p. 28).

De acordo com autor, o ensino fechado ainda está presente nas salas de aulas, massificando aquele cavalheiro de movimentações, deixando de lado os detalhes dos movimentos, a escuta de seu corpo, de fato aprender o que está fazendo e não achar que está fazendo sempre o certo.

Até quando são ensinados momentos de criatividade ou imprevisto, o foco é sempre o cavalheiro, pois irá criar movimentos novos e dama apenas

acompanha-lo. Uma realidade que somos imersos a ela, mas acredito que teremos aulas mais iguais pensando nos benefícios daqueles dois corpos.

Ser cavalheiro não é fácil, suas responsabilidades são complexas de condução, ritmo, coordenação e para alcançar um conjunto harmônico de tudo requer um tempo e precisamos respeitar o limite e o tempo de aprender de cada pessoa.

Uma responsabilidade enorme que não é dividida com sua dama, assim como as damas tem suas dificuldades, os cavalheiros também, respeitando cada corpo, não colocando pensamentos negativos como, “cavalheiro tem condução forte”, “cavalheiro não sabe conduzir”, cavalheiro não tem ritmo” e entre outros.

Assim como nós damas receberam esses comentários, os cavalheiros são também alvo de má interpretações de sua dança, respeitar e incentivar crianças, jovens, idosos, adultos são disparadores para evolução deles na dança a dois e abrir o maior interesse de demais cavalheiros.

Mas diante disso tudo, o que é ser um bom cavalheiro? Uma pergunta pertinente, que atinge uma diversidade de corpos, formas, espaço, condução, Zamoner (2016), afirma:

Assim, o cavalheiro de verdade observa seu par antes de convidar para um dança e, logo no primeiro abraço, avalia suas reações. Percebe, inicialmente, como sua dama transfere o peso e assume o comando desta transferência. Lentamente, faz a base da dança até entender como a dama responde melhor. Disponibiliza, com absoluta tranquilidade, todo tempo que ela precisa para adquirir confiança. Não arrisca qualquer movimento que tenha dúvida se sua parceira será capaz de acompanhar ou que ele próprio seja capaz de corrigir em caso de falha. O cavalheiro verdadeiro pede desculpas quando a dama erra porque sabe que ele é que não foi capaz de perceber que a dama não saberia realizar passo que conduziu. É isto que faz a dama se sentir a melhor dançarina do mundo naqueles braços e é esta a missão primordial do cavalheiro na pista de dança. (Zamoner, 2016, p. 78).

A autora traz uma visão idealizadora de um cavalheiro, pois não são todos que exercem essas atribuições, de sentir sua dama no primeiro abraço para depois dançar, existem cavalheiros que fazem milhões de passos e os mesmo arriscam os movimentos que sua dama não sabe e caso ela erre, a culpa irá ser dela, sentindo-se a pior dançarina naquele momento.

Um olhar que precisamos mudar para ambos não existe o certo e errado, o culpado de tal acontecimento, temos que entender que são partilhas e no momento que danço é por prazeroso, divertido, não pela obrigação pois dançar com alguém por obrigação não é uma experiência agradável.

Fico triste quando isso acontece e percebo isto nos bailes de dança de salão, pois o corpo fala e me toca de diversas formas e no momento que dançamos com alguém, você aprende com aquela pessoa e que está fazendo o bem para ambos.

Temos que mudar aos poucos estes olhares, para termos trocas mais significativa dentro dos salões, para que a dança de salão se fortifique cada vez mais de forma positiva, pois temos que mostrar a sua grande importância para vida das pessoas, o seu valor de transformação.

Dançar com alguém de alma aberta permite inúmeras sensações, mas principalmente inspiração para continuar dançando e falando nisso assim como existem damas que me transformam existem cavalheiros da dança e da vida que inspiram minha dança, são eles:

José Carlos

Meu pai e dançarino do povo

Sua dança me traz-me naturalidade

Alegria e pura diversão.

André Luís

Meu irmão

Sua dança me traz...

Quero apenas dançar

Certo ou errado

Não sei

Apenas quero

Rullien Polizeli

Meu parceiro

Meu amigo

Sua dança muita dedicação

Sua dança brilha

É Potencia  
Para minha dança  
Partilhando diversas sensações.

Rolon Ho  
Mestre  
Sua dança me inspira  
A cada detalhe  
A cada palavra  
A cada energia  
Dança de surpresas

Marcelo Thiganá  
Mestre dos Mestres  
Seus conhecimentos  
Fazem refletirmos  
Que dança eu faço  
E como quero mudar vidas.

Vinicius Villiger  
Sua dança é música  
Seus movimentos são frases musicais  
A cada passo uma surpresa  
Na sutileza  
Do que virá

E como estes cavalheiros estão na condução compartilhada? Ainda é algo novo, mas pelo que pude perceber não são todos que permitem ser conduzidos, não acreditam muito nessa questão que a dama venha modificar seu caminho. Neste momento o cavalheiro faz um trabalho total voltado para sua sensibilidade que é voltada geralmente só para as damas, passa a entender que existem outras possibilidades de condução sendo a resposta muitas vezes da pergunta da dama.

Coloco em evidencia neste momento os cavalheiros no encontro de damas, onde ministrei aula com o tema conduções da dama. Convidei alguns meninos para compor minha aula e chamei alguns presentes.

No decorrer da aula fiquei muito feliz, pois os cavalheiros estavam dispostos a experimentar, é claro que teve momentos que o ato de conduzir estava gritando no seu corpo latente de informações, mas eu fazia de tudo para entender aquele momento, não tive muitos comentários no final da aula, mas algo que me chamou atenção foi o fato de alguns acharem um pouco difícil e explanarem mais o que a dama estava fazendo, do que seu próprio corpo mas gostaram de experimentar estas conduções.

Propus também com os cavalheiros uma pequena entrevista informal apenas com os professores, sobre condução compartilhada. As duas perguntas da entrevista realizada no dia 20/11/2018 estão no apêndice 2 na página (83).

A resposta do entrevistado 2, sobre o que entendia de condução compartilhada: “Pouco, pois ainda tenho dúvidas e dificuldades de aplicar na prática. Creio que seja uma questão de hábito e treino”. Uma resposta direta e objetiva, que mostra sua dificuldade de entender este momento de condução da dama, mas em seguida evidencia uma solução que precisa de treino para ser algo habitual em suas práticas.

Outra resposta pertinente foi a do entrevistado 1, que traz diante de seus estudos uma “definição” do que ele entende de condução compartilhada: “Diálogo que um conduz outro responde, não tem definição de condutor e conduzido. É do momento da situação que faz um conduzir outro responder” (entrevistado). Na sua visão esta condução é um grande jogo de pergunta e resposta, onde diluímos a ideia de condutor aquele que pratica a ação e o conduzido responde, neste momento apenas existem dois corpos dispostos a se conduzirem.

Partindo para segunda pergunta de um dos cavalheiros entrevistados, no sentido se eles deixariam a dama conduzir seus corpos, a do entrevistado 3, afirma:

Confesso que toda vez que inicio uma dança não penso em condução compartilhada pois há algo no meu subconsciente que não

abre a possibilidade tanto que que acredito, que já dancei com algumas damas que tentaram me conduzir, mas não conseguiram. Porém todas as vezes que consigo perceber que uma dama quer conduzir eu deixo e tento levá-la de uma outra forma que é compartilhando. As experiências são muito boas, saem movimentos que eu nunca tinha feito antes, o que é bem interessante, pois a criatividade da condução passa para os dois dividimos essa responsabilidade. (Entrevistado 3, entrevista realizada dia 20/11/2018, local mídias sociais)

O entrevistado 3, revela que no momento que irá dançar seus pensamentos para iniciar a condução são muito fortes ainda e que não pensa na condução compartilhada como primeiro ato disparador, devido dentro de suas experiências algumas damas tentarem e não conseguirem conduzir o cavalheiro.

Acredito que no momento que isto ocorre perpassa a diversos questionamentos, onde a dama não consegue de forma clara atingir a condução no cavalheiro, como também, o cavalheiro mudando sua rota inicial não permitir essa mudança, mas apesar destas possibilidades, o entrevistado 3, percebe essas alteridades ela deixa acontecer, passando ser dois corpos criativos, surgem novos passos, dividindo a responsabilidade e quando isso ocorre ambos os lados não ficam sobrecarregados para o desenvolvimento da dança.

Outra resposta bem objetiva que esclarece também certa preocupação, foi o entrevistado 4, afirma: “ Não, pelo fato de ter uma sintonia muito boa e pelo que vejo atualmente a gente ainda não tá nesse patamar da dama conduzir o cavalheiro, no momento é não” (entrevistado 4).

Entendo perfeitamente se posicionamento de ainda não aceitar a em que a dama venha a conduzir, ele não está errado, pois ainda estamos amadurecendo esse lugar, para que nossas práticas sejam esclarecedoras desta condução e o casal realmente precisa entrar em sintonia, mas ainda temos muitos problemas em relação a isto, que precisamos ajustar.

Ainda neste mesmo entrevistado 4, na sua resposta correspondente a primeira pergunta, relata:

*[...] Bem, em algumas aulas que já tive a oportunidade de fazer e que alguns professores falavam de condução compartilhada, eh, eu meio*

*que não entendi muito bem a colocação deles, já que alguns falaram que era, no momento da dança, a dama propor algo para o cavalheiro, tipo ou interrompendo a movimentação que ele tinha colocado no momento, né, e ela no momento interrompe e aí tipo tentando fazer como se fosse outra proposta, né, só que na minha visão condução compartilhada, nada mais é, compartilhar, dividir algo com alguém, sendo que a condução. Então eu acho que é, o cavalheiro e em determinado momento quando a dama sentir no direito ou tema liberdade de conduzir o cavalheiro, então é uma troca de conduções, na minha visão, isso quer dizer condução compartilhada o cavalheiro conduz, a dama também se permite em conduzi-lo, então há essa troca.*

*A condução compartilhada também ela veio nos tempos atuais agora mas pra combater o machismo né, que é o que estão mais abordando agora, como se a dança tivesse entrando numa política, porque quando foi criado a dança sei lá quanto tempo atrás, no começo era justamente por causa, por conta que existia muito esse termo machismo e enfim, e agora nos tempos atuais, como a mulher, se igualou ao homem então esse termo condução compartilhada, veio quebrar esse machismo né, que na minha opinião não deveria entrar no conceito da dança, até porque apesar da dança ser uma relação, eu acho que agente tem que sentir, bastante a vontade né, tem que rolar de certa forma uma química para os dois se permitirem a dançar... (entrevistado 4, entrevista realizada dia 20/11/2018, local mídias sociais.)*

Diante desta resposta, percebemos uma pequena confusão para tentar explicar sobre a condução compartilhada, isso é provocado pelo termo passar por ajustes, mas ainda temos diversas definições em que elas se encontram no momento que falam da dama está ativa em suas propostas.

Em todas as suas falas do entrevistado 4, para as perguntas de forma geral chamou minha atenção para a palavra confortável, onde tinha que sentir confortável para ser conduzido, assim como nós damas, precisamos nos sentir bem para receber as suas conduções, neste momento eles podem sentir um pouco do que passamos, como também, as damas.

No momento que exprime a ideia do machismo e que a esta condução veio para quebrar isso, acredito que sim, mas não seria seu único objetivo, temos que pensar além dessas formas, nessa condução, abre portas para nós damas falamos o que sentimos na proposição de um novo caminho para dança de salão, a dança ela não entra, ela é política, nosso corpo exprime tudo que pensamos e nele está nossa política. E falar de machismo é uma questão que precisamos refletir, pois poucos reconhecem ou acreditam que não venha há existir na dança de salão.

A dança de salão é considerada machista por muitos pesquisadores, autores e praticantes, para entendermos sobre este assunto Guimarães: Marinho, 2016, afirma:

Machismo é “o conceito que baseia na supervalorização das características físicas e culturais associadas ao gênero e sexo masculino, em detrimento daquelas associadas ao feminino, pela crença de que homens são superiores as mulheres” (Guimarães: Marinho, 2016, apud STRACK, 2017, p.36).

Diante disso, trazendo este olhar para dança de salão, essa supervalorização encontra-se na própria condução e na valorização do professor mestre de dança de salão, aonde o cavalheiro conduz e a dama apenas está submetida à condução dele retirando sua liberdade de expressão, como também, pequenas atitudes que reverberam o machismo.

Podemos citar uma campanha feita em 2016 feita pelo grupo Behoppers<sup>16</sup>, onde perguntei se foram os criadores desta campanha e os mesmos afirmaram este a criação desta campanha.

Este grupo difundiu o lindy-hop<sup>17</sup> no Brasil, atuando na cidade de Belo Horizonte, lançando uma campanha nas redes sociais sugerindo como ter uma dança de salão menos machista, sendo assim, muitos comentários a respeito deste tema, iniciou de fato a campanha, “30 atitudes contra o machismo na dança”.

Muito interessante esta campanha de forma leve, reflexiva e objetiva para enxergamos essas atitudes machistas dentro da dança através de cartazes com essas atitudes presentes na dança de salão. Diga não ao machismo!

---

<sup>16</sup> Behoppers grupo de divulgação do lindy hop em Belo Horizonte e Minas Gerais, criado em 2012.

<sup>17</sup> Lindy Hop surgiu em 1920 e 1930 em New York com uma mistura de outras danças inclusive o sapateado

Figura 15: Campanha contra machismo na dança



Fonte: Behoppers 2016

### 3.3- Diálogo

Figura 16: Diálogo entre parceiros



Fonte: Acervo da pesquisadora 2018

A etimologia da palavra diálogo segundo microdicionário de Ruth Rocha, 1997: “diálogo: fala entre duas pessoas” e esta ideia na condução compartilhada é justamente uma conversa aberta, onde ambos alternam sua fala, dando seguimento ao estímulo já recebido e assim por diante.

Não podemos esquecer que as damas iniciam este diálogo aberto a partir da condução cavalheiro, podendo o mesmo, abrir seu corpo para esta condução ou não acontecer nada, como também, sua resposta só acontece no

decorrer da dança já quando há um entendimento da prática desta condução. Diante da entrevista realizada relato uma fala muito interessante, como firma o entrevistado 4:

*[...] Já pensou, rsrsrs, daqui pra frente, o cavalheiro chama uma dama pra dançar, ao momento que ele chama pra dançar, ele abraça, ele não vai com a primeira intenção de conduzir, ele vai com aquela intenção de ser conduzido, ia ser estranho né! hehehe (entrevistado 4, entrevista realizada dia 20/11/2018, local mídias sociais)*

Em conformidade com o entrevistado, geralmente este diálogo inicia com a proposta do cavalheiro, mas podemos mudar esta visão com o tempo, onde as damas são as disparadoras da condução.

Dentro de minha parceria de dança junto com Rullien Polizeli, desenvolvemos um trabalho na inserção de novas linguagens nas práticas de aulas, composições e entre outros aspectos. E a condução compartilhada está inserida em nosso diálogo, sendo que, meu parceiro sempre foi aberto para nossas propostas e um grande incentivador para meus projetos.

No início foi confuso este diálogo tivemos diversos desencontros, pois o mesmo não entendia minhas propostas e que com o tempo entendemos nossos corpos, pois meu corpo era de práticas sozinhas e o dele sempre da dança de salão, então cruzamos nossas histórias que vive em diversas mudanças na busca de nossa identidade. Meu parceiro na condução compartilhada compreendeu a minha necessidade de fala, que meu corpo não se encontra apenas a seguir, ele quer responder também tudo àquilo que recebe. Então, nossa dança a dois vai além dos movimentos.

Nossa dança

Histórias cruzadas

Compreendidas e alteradas

Mudanças de

Olhares

Toques

Partituras

Inserções

Mas isso é dança de salão?

Sim

Claro

Isso é a nossa dança

Nossos corpos de

Aline e Rullien

Com muito amor... (diário de bordo da pesquisadora, 2018, p.75)

### 3.4- Possibilidade de criação.

Figura 17: Samba- tamborim



Fonte: Cleyton Telles 2015.

Nesse caminho de possibilidades de criação na condução compartilhada haverá uma multiplicação dos movimentos, ampliando o exercício da criação, como afirma Valle e Icle (apud POLIZELI 2016, p. 3) “a pluralidade, a multiplicidade da criação é exercitar, em vários sentidos nossa liberdade”.

Falar de criação nos remete também ao lugar do improviso, que se caracteriza por um acontecimento repentino. Na dança de salão, os improvisos ocorrem quando mudamos a trajetória do passo pré-determinado, geralmente os movimentos seguem um sequência fazendo uma leitura do início, meio e fim da movimentação e quando temos algumas criações dentro dessa estrutura podemos considerar um improviso fechado.

Já na condução compartilhada essa leitura da movimentação existe quebras onde a dama tem sua participação, mudando as partituras, sendo que cavalheiro venha junto com ela e considero que temos um improviso aberto.

No momento que esses corpos são colocados nesta condução onde a criatividade ela existe de forma mais ativa, muitos se limitam ou não, mas isso ocorre ao fato de sermos massificados dentro do sistema em que trabalhamos pouco a criatividade do aluno e no momento de explorar isso, existe certo bloqueio.

Erros e acertos estão presentes nesta condução pelo fato de muitos movimentos irem além dos passos tradicionais, nossos “erros” podem se transformar em novas possibilidades de movimento, como afirma Brito 2012:

A habilidade do improvisador está em perceber os momentos favoráveis para manter o fluxo do espetáculo e, ao mesmo tempo, é preciso ter atitude e agilidade para transformar os erros, os acidentes de percurso e os momentos desfavoráveis em novos estímulos criativos, a fim de encontrar outro andamento e vida para cena. (BRITO, 2012, p.23)

Diante disso, um exemplo deste aspecto de uma aula que participei do Mestre Marcelo Thiganá<sup>18</sup> no Fest salão, o maior evento de dança de salão do norte, com intuito de promover a dança de salão em Belém. Em sua fala disse, “muitos movimentos criados dentro do samba vem do erro dessas partituras dos movimentos”.

Isso reflete que o erro pode ser um grande acerto, para novos caminhos dentro da dança de salão, no surgimento de um passo, um corporal diferente e entre outros. Dessa forma, damas e cavalheiros na condução compartilhada podem criar novas possibilidades combinados também com o seu repertório. Neste momento a criação entra em cena e devemos nos permitir.

### **3.5. PARTILHAR**

Partilhar é permissão, repartindo com alguém a dança, na doação infinita de emoções, sensações, particularidades de ambos os corpos, pois o tempo passa e temos que Viver! No momento da condução compartilhada, essa partilha está relacionada à sintonia do casal para que a mesma ocorra.

Muitos cavalheiros não compreendem este lugar e quando experimentarem tem que ser confortável e confiante no que a dama quer propor. Relato minha experiência que tenho resultados significativos para conduzir ou propor algo para o cavalheiro.

---

<sup>18</sup> Marcelo Thiganá grande formador dos atuais mestres de dança de salão em Belém do Pará.

**Figura 18: Projeto entre Ruas**



**Fonte: Cleyton Telles 2015.**

Quando inicio a dança no meu primeiro contato, conduzo o cavalheiro para um tempo mais longo no abraço, dizendo com meu corpo que precisamos nos conhecer e quando o mesmo inicia a condução de diversas movimentações mostro através de detalhes dentro da movimentação proposta por ele que faço algo diferente com meu corpo, sem interferir.

Sendo assim, o cavalheiro percebe que sou uma dama que busca uma autonomia e ganha certa confiança então vou lançando minhas propostas como pausas, mudanças de direções, diferentes tempos para fazer o movimento e entre outros. É claro, que não funciona com todos, mas já ficam na cabeça que aconteceu algo diferente.

Para os cavalheiros que funcionam, ficam perdidos ou não, mas depois se permitem a entrar nesta condução. Então, é muito importante que preparemos essa sintonia através de disparadores da condução, que significa preparar o movimento antes de realizá-lo, que ganha confiança e entendimento do cavalheiro para que no momento da condução de fato, seja agradável e claro com qualquer tipo de cavalheiro.

Com o intuito de partilhar é preciso ter sintonia, criar harmonia com seu parceiro, para isso, experimentar antes é necessário para entendermos esta condução e a principal fonte são as aulas regulares de dança de salão. Uma vivência seria o contato-improvisação

Para entendermos melhor o que seria o contato-improvisação é uma técnica que surge nos Estados Unidos no início dos anos 1970, mais precisamente em 1972, que renuncia aos modelos padrões da dança, proporcionando novas interpretações em suas práticas (Kalterbrunner 2004, apud, NUNES, 2018, p.102).

O contato-improvisação é uma dança improvisada no diálogo de perguntas e respostas igual à condução compartilhada só que temos uma grande diferença, na condução ocorre dentro do abraço e contato – improvisação não perpassa por este formato. Quero deixar evidente a potencia desta técnica em diálogo direto com esta condução e sua importância para o entendimento corporal na soma dos corpos em que a dama mais ativamente venha a conduzir.

Dentro de uma experiência no curso mais recente que pude realizar, eu nunca havia dançado com o cavalheiro que estava, e o disparador desta aula era a questão desta condução e de damas mais ativas. Então começamos, partindo de um ritmo que era bolero, com o tempo não era mais bolero, tornou-se algo que não pude explicar, estávamos em contato-improvisação a todo o momento e que uma hora outra o bolero voltava.

Foi uma experiência diferente, pois o cavalheiro permitiu minhas conduções assim como eu as deles, foi algo que meu corpo estava precisando falar naquele momento, acredito quer o dele também. Desconstruir algo não é uma tarefa fácil, mas temos que nos doar para um novo olhar surgir. Talvez esteja fugindo da condução compartilhada ou perdida para entender, mas só sei que eu dama, preciso falar disso.

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Falar de condução nos remete ao lugar de diversas mudanças. Entendendo sua história marcada por pensamentos que o homem sempre estava na frente da mulher, em suas questões, sociais, políticas, culturais, apesar disso na época dos grandes bailes nos salões da nobreza, tinham a essência de satisfação que com o tempo transformado para o comando, que muda radicalmente pensamentos inseridos na dança de salão, que ainda somos atravessados por eles.

Constituído também pelas formas que atravessam, como o abraço e os tipos de condução. O abraço é a importância para o desenvolvimento da condução nele atrelados diversos sentimentos, emoções, energia, fluidez, necessários para compreensão deste lugar, e se temos um abraço de forma confortável teremos uma boa condução em seus diversos tipos de condução, que apenas algumas são trabalhadas dentro de sala de aula. Tudo isso, relato no meu primeiro objetivo desta pesquisa, atingindo esta análise destes caminhos para entendermos nossa prática da dança de salão. Com muito carinho e sutileza deixo minhas marcas nesse capítulo, com reflexões e pensamentos de tudo que me afeta dentro da dança de salão.

Esta pesquisa teve a pergunta problema: Como investigar a condução compartilhada através da estrela compartilhada na dança de salão? E foi investigado através da minha segunda sessão, junto com o objetivo de entender esta condução através da estrela compartilhada. Que exprime a mesma ideologia de Laban para o estudo desta condução que ganha seu espaço. A estrela foi um grande resultado de minhas práticas, servindo para entendermos esta condução na dança de salão, com futuro de estruturar melhor este pensamento diversas aplicações seja em aulas, composição coreográfica, palestras, muitas possibilidades de desfrutar deste estudo.

Não tenho pretensão de mudar a condução tradicional, mas evidenciar outros tipos de relação a dois em que diversos profissionais estão buscando entender essas inquietações. Homens e mulheres estão revendo papéis que somos determinados por muito tempo e se descobrindo através da dança.

Abrindo portas para novas relações: homens dançando entre eles, mulheres também, mulheres condutoras e entre outros aspectos.

Temos que nos preparar para estas mudanças e nos capacitar como professores para essas relações, seguindo em modificar muitas imposições existentes. Que possamos construir uma dança de salão acessível, aberta a todos os corpos que queiram falar, se expressar, questionar, dançar. E que nós damas possamos continuar nesta caminhada de nosso espaço, agregando valores significativos para dança de salão. Viva as damas! Vivas as Mulheres!

## 5. REFERÊNCIAS

BAENA. Suane. **Dança de salão: Um estética Transcrita para a Cena.** Revista ensaio geral, edição especial, volume um, número 1, 2010. Belém do Pará.

BERT. Jean-François. **Pensar com Michel Foucault.** Jean- François Bert; tradução Marcos Marcionilo- São Paulo, SP: Parábola, 2013.

BRITO. Waldete. **A poética da improvisação e acaso do processo de criação do espetáculo, O seguinte é isso.** Tese defendida no programa de pós-graduação da UFBA, Salvador, 2012.

FEITOSA, Jonas Karlos de Souza. **Danças de salão: os corpos iguais em seus propósitos e diferentes em suas experiências.** 2011. Dissertação (mestrado em dança). Faculdade de dança da universidade federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/8141/DISSERTAÇÃO%JONAS.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

JASTES. Éder Robson Mendes. **Banzeio de Saia.** Revista ensaio Geral, volume um, número 2009. Belém do Pará.

LOBO, Leonora, NAVAS, Cássia. **Teatro do movimento- Um método para o intérprete criador.** Rio de Janeiro. Editora LGE. 2006.

LABAN. Rudolf-Von. **Domínio do Movimento.** Ed. organizada por Lisa Ullmann [tradução: Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto; revisão técnica: Anna Maria Barros de Vecchi] – São Paulo: summus, 1978.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria método e criatividade.** 28 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009..

NUNES, Bruno Blois. **As relações de poder entre pares e um novo olhar sobre a condução na dança de salão dos dias atuais.** 2017. Monografia (Especialização em Linguagens Verbo/Visuais e Tecnologias) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Pelotas, 2017.

PERNA. Marco Antônio. **Dama boa não pensa.** 2011. Acesso em [www.marcoantonioperna.com.br](http://www.marcoantonioperna.com.br). Acesso em: 20 de Outubro de 2018.

POLEZI. Carolina. **Gênero dança e condução compartilhada.** Pandora livre 28 de janeiro de 2016, Disponível: <http://site.pandoralive.com.br>

POLIZELI, Rullien. **O processo de composição de dança de salão entre dançarinos do mesmo gênero.** Trabalho de Conclusão de Curso da faculdade de educação física do instituto de ciência da educação UFPA, 2017. Belém do Pará.

RUTH. Rocha. **Microdicionário/ Ruth Rocha.** São Paulo. Ed. Scipione, 1997.

SKINNER. B.F. **O mito da Liberdade.** Summus editorial LTDA. São Paulo. 1971.

SILVA, Francisco, MAIA, Sidclay. **Narrativas autobiográficas. Interfaces com a pesquisa sobre a formação de professores.** UFPI 2010. Disponível em: <Leg.UFPI.br/subsitefiles/ppged/arquivos/files/Vlencontro.2010/GT\_01\_22.pdf.>. Acesso em 1/10/2018.

SILVEIRA. Paola de Vasconcelos. **Diálogos de um ser a dois: uma perspectiva para dançar tango.** 2012. 40f. Trabalho de conclusão de curso (graduação). Escola de educação física, fisioterapia e dança. Universidade do rio grande do sul, porto alegre, 2012.

STRACK. Miriam Medeiros. **Dama ativa e comunicação entre o casal na dança de salão: uma abordagem prática.** 2013. Monografia (especialização em teoria do movimento da dança com ênfase em danças de salão) faculdade metropolitana de Curitiba (FAMEC), São José dos Pinhais, 2013.

STRACK. Miriam Medeiros. **Dança de salão: Cartografia de uma abordagem feminicista.** 2017. Dissertação do programa de pós-graduação em artes da escola de belas artes. UFMG. 2017.

SANTOS, Sérgio Maria Pereira. **A conexão dançante: Ampliação das possibilidades de condução em dança a dois.** Trabalho de conclusão de curso ( UFRN)- Natal, 2016.

SANTOS, Sheila. **O diálogo dançante da dama contemporânea.** Dança em pauta, 20 de maio de 2013, às 4:02pm. Disponível: <<http://site.dancaempauta.com.br/a-heterossexualidade-da-danca>>.

Zamoner. Maristela. **E se as damas conduzissem?** Dança em puta, Curitiba 14 de março de 2011, às 1:27 am. Disponível: <<http://site.dancaempauta.com.br/a-heterossexualidade-da-danca>>.

ZAMONER, Maristela. **Todo poder emana da dama...**, Dança em pauta, Curitiba, maio 2016b. Disponível em: <<http://site.dancaempauta.com.br/todo-poder-emana-da-dama/>>.

Zamoner. Maristela. **Condução compartilhada possibilidades a cada dança.** Dança em pauta, Curitiba, 28 de novembro de 2013, às 1:32am. Disponível: <http://site.dancaempauta.com.br/a-heterossexualidade-da-danca>

ZAMONER, Maristela. **Dança de salão: uma força civilizatriz.** Dança em pauta, Curitiba, 2016. Disponível em: <http://site.dancaempauta.com.br/a-heterossexualidade-da-danca>

ZAMONER, Maristela. **Conceitos e definições de dança de salão.** Revista digital EFD esportes. com. set 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd172/conceitos-e-definições-de-dança-de-salão.html>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM DANÇA

APÊNDICE 1

PERGUNTAS DA ENTREVISTA- DAMAS

- 1- Qual sua opinião sobre condução compartilhada?
  
- 2- Você acha que a dança de salão está preparada para essas mudanças na condução e de damas estarem assumindo mais responsabilidades de uma forma geral?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM DANÇA

APÊNDICE 2

PERGUNTAS DA ENTREVISTA- CAVALHEIROS

- 1- O que você entende sobre condução compartilhada?
  
- 2- Você deixaria a dama conduzir seus movimentos, porque?